



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA NO CONTEXTO
CONTEMPORÂNEO: A MARGEM DO RIO CACHOEIRINHA

MACAPÁ-AP

2008

**ANDRÉ MONTEIRO DA SILVA
MAGNO SANTOS DA COSTA**

**UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA NO CONTEXTO
CONTEMPORÂNEO: A MARGEM DO RIO CACHOEIRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal do Amapá, como
requisito para obtenção do grau
de Bacharel e Licenciado Pleno
em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.a Ms.
Francisca de Paula de Oliveira.

MACAPÁ-AP

2008

ANDRÉ MONTEIRO DA SILVA

MAGNO SANTOS DA COSTA

**UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA NO CONTEXTO
CONTEMPORÂNEO: A MARGEM DO RIO CACHOEIRINHA**

Avaliado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Esp. EMANUEL LEAL DE LIMA

Prof. Titular do Colegiado de Ciências Sociais

Ms. RAIMUNDO DE LIMA BRITO

Prof. Titular do Colegiado de Ciências Sociais

Ms. FRANCISCA DE PAULA DE OLIVEIRA

Prof.a Titular do Colegiado de Ciências Sociais

Dedico este trabalho a Deus, por tudo o que Ele representa para mim, e aos meus pais, seu Antonio Duarte e dona Maria de Nazaré, pelo amor que me transmitem.

Magno Costa

Dedico aos amazônidas da luta de ontem e hoje, especialmente meus pais, Tiago Correa e Maria das Graças Monteiro, húmus de outra terra.

André Monteiro

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da inteligência, saúde e fortaleza;

À família, pela presença terna e solidária nas horas ausentes e por nossos pais, em especial, que nos motivaram para que nos dedicássemos aos estudos e ao trabalho;

A nossa professora orientadora, Ms. Francisca de Paula de Oliveira orientações salutares para a pesquisa;

A todos os rostos e famílias da comunidade do Cachoeirinha, pelo tempo disponível ao longo das conversas e por tudo que aprendemos ao longo de todo esse tempo que convivemos.

São portadores de um significado importante para a crise ecológica e para animar alternativas ao tipo de relação que nós estabelecemos para com a natureza. Eles mostram como podemos ser humanos e profundamente humanos sem precisarmos passar pela racionalidade crítica dos modernos e nem pelo processo de dominação da Terra realizado pelo projeto da tecnociência. E mesmo assimilando a seu modo as vantagens da modernidade, sabem manter o sentimento do universo e a percepção da subjetividade da natureza com quem entretemos relações de reciprocidade. Eles são a salvaguarda de uma humanidade ainda possível, mais benfazeja e carregada de sacramentalidade e de veneração de que tanto precisamos (...). Queremos num contexto de crise de nosso paradigma civilizacional escutar a permanente mensagem dos povos originários

Leonardo Boff. (Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres)

RESUMO

Analisar condições sócio-culturais da comunidade ribeirinha Margem do Rio Cachoeirinha no contexto da sociedade contemporânea é o objetivo principal deste trabalho, que estrutura-se em dois capítulos. No primeiro se verá que a comunidade nasce num contexto que considera-se parte da realidade amazônica, onde a influência de modos singulares de vida é perceptível na dinâmica da comunidade, como analisado por do meio de subsistência principal - a pesca - e do grupo principal de individualização-socialização - a família, e enfatizado pela discussão de autores citados como Boff (1999a), Loureiro (1992), Loureiro (1995) e Ribeiro (1995). No segundo capítulo tratar-se-á da inserção desta comunidade ribeirinha no contexto da sociedade contemporânea por meio de dois veículos modernos, a televisão e a escola, enfatizando a questão do imaginário simbólico que os moradores locais têm sobre a modernidade e a influência do “consumismo”, como discutem autores citados (GIDDENS, 1991; HORKHEIMER, 1989; MORIN, 2000 e ORTIZ, 2000). O estudo da Margem do Rio Cachoeirinha leva a considerar que há, localmente, condições sócio-culturais do contexto cultural originário amazônico, mas a influência do imaginário simbólico moderno já leva ao enfraquecimento de traços essenciais e à introdução de novos hábitos e valores típicos da sociedade moderna.

Palavras-chaves: Identidade. Consumismo. Amazônia. Contemporaneidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – A “Cachoeirinha”.....	18
Figura 02 – A área primeira	18
Figura 03 – Os pais fundadores	20
Figura 04 – Primeira casa	21
Figura 05 – Formato da casa	21
Figura 06 – Religiosidade nos quadros de “santos” na parede	23
Figura 07 – Barcos da região	30
Figura 08 – Pescadores	30
Figura 09 – Jovem pescador	32
Figura 10 – Comunidade reunida	42
Figura 11 – Crianças brincando	45
Figura 12 – Pai de 18 filhos	53
Figura 13 – Almoço tradicional	65
Figura 14 – Residência inovadora	66
Figura 15 – Televisão	79
Figura 16 – Escola de nível fundamental	89
Figura 17 – Escola de nível médio	93
Figura 18 – Jovem	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA: A MARGEM DO RIO CACHOEIRINHA.....	16
1.1 Raízes históricas e geográficas da comunidade vistas a partir do meio de subsistência principal: a pesca.....	17
1.1.1 Condições para a construção da territorialidade física e cultural da comunidade	17
1.1.2 O contato com os trabalhadores e o papel organizador e estabilizador da vida cultural e concreta a partir da pesca.....	27
1.1.3 Traços elementares da pesca.....	28
1.2 Contribuições do grupo familiar para o processo cultural na comunidade.....	36
1.2.1 Contextualizando-se entre outros espaços: escola, igreja e lazer.....	38
1.2.2 Condições gerais que colaboraram para a centralidade familiar.....	46
1.2.3 Análise de alguns traços elementares.....	49
2 A COMUNIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO E DA ESCOLA.....	57
2.1 O impacto dos apelos televisivos para o consumismo material e os valores e sonhos modernos.....	58
2.1.1 O modo de vida antes da televisão 24 horas.....	60
2.1.2 O modo de vida depois da televisão 24 horas.....	74

2.2 O imaginário comunitário sobre a escola e sua influência sobre a escolha da profissão e do futuro.....	84
2.2.1 A educação antes do advento da escola.....	86
2.2.2 A educação escolar no seio da comunidade.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE.....	103
Apêndice A – Questionários.....	104
Apêndice B – Dados básicos dos entrevistados.....	108
Apêndice C – Mapa da comunidade.....	116

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte da seguinte problemática: devido vários fatores ocorridos nos últimos anos, mas principalmente por causa do consumismo e seus vários elos articuladores e impulsionadores, o imaginário simbólico de uma comunidade ribeirinha está sendo afetado pelo imaginário simbólico de um mundo moderno e global. Neste contexto, percebe-se que o capitalismo se infiltra pelas malhas da cultura e da “ética do consumo”. Frente a esta situação o objetivo geral da presente pesquisa é analisar as condições sócio-culturais desta comunidade e qual o nível de influência que a cultura moderno-consumista tem sobre o seu imaginário simbólico e identitário.

Margem do Rio Cachoeirinha é o nome oficial da comunidade estudada. Pertence ao distrito da Ilha de Santa Ana, em pleno Rio Amazonas, em face de localidades ribeirinhas como Vila Nova e Banha. A análise do objeto de estudo se deu, da parte de um dos condutores da pesquisa ao longo de vários anos de contato com a realidade ribeirinha e comunitária, a partir de um levantamento socioeconômico primeiro em 2005 como parte da disciplina Populações Tradicionais e Meio Ambiente e nos últimos meses com o direcionamento de questionários e visitas nas famílias e momentos de socialização da comunidade (p. ex. a Festa da Padroeira), sendo as entrevistas feitas em forma de questionários e registradas em aparelho gravador.

Tomando como referência empírica a referida comunidade ribeirinha, optou-se por analisar a impacto cultural ao relacionar a singularidade da cultura amazônica frente o dinamismo cultural da sociedade do consumo. Tal dinamismo se apresenta no interior da sociedade contemporânea sendo veiculada ao processo da globalização. Sobre isto Ortiz afirma o seguinte: “Estou convencido de que no processo da globalização, a cultura do consumo desfruta de uma posição de destaque” (ORTIZ, 2000, p. 10).

Identificar um possível mundo originário (ribeirinho-amazônico) e relacioná-lo a outro (moderno-consumista), para se detectar condições sócio-

culturais atuais na referida comunidade levou à hipótese de que o seu imaginário simbólico originário está sendo afetado pelo imaginário simbólico de um mundo global.¹ Os autores a exemplo de Boff (1999a), Horkheimer (1989), Ortiz (2000) e outros afirmam que a modernidade se apresenta como imagem de “realização”, “civilização”, “salvação”, “progresso”, constituindo um verdadeiro universo cultural. Conforme análises desses autores, o estilo de vida moderno traz hegemonicamente em seu bojo a instituição consumismo. Faz jus, então, falar em “ethos cultural” amazônico e “ethos cultural consumista” no contexto desta comunidade ribeirinha analisada.

A primeira aproximação da problemática investigada ocorreu no ano de 2005, período em que foi realizado um levantamento sócio-econômico como parte da disciplina Populações Tradicionais e Meio Ambiente. A partir daí, investigou-se as suas raízes geográficas e históricas e o processo de identificação dos moradores, no sentido de desvendar traços culturais desta comunidade amazônica. Tomando como referência a problemática em questão, no primeiro capítulo destacam-se duas categorias significativas para análise: a pesca e o grupo familiar. Percebe-se que a pesca artesanal é uma importante atividade econômica desta população ribeirinha. Como se trata de uma atividade que diverge, no momento, das formas de trabalho capitalista, no que se refere a pesca industrial, destaca-se para efeito de análise, a singularidade cultural e histórica.

Além da pesca, a outra categoria de análise proposta neste primeiro capítulo foi a família. O grupo familiar foi escolhido para se verificar qual a sua influência sobre o prolongado, complexo e dinâmico processo de individualização-socialização dos moradores da comunidade. Apesar das relativas restrições do ambiente ribeirinho quanto à multiplicidade e proliferação de espaços sócio-culturais (comparado com o mundo moderno), discuti-se o papel que três espaços - a escola², a igreja e o lazer - poderiam influenciar os

¹ Imaginário simbólico visto como imagem ou representação que o homem tem de si e de seu ambiente, que estaria presente em qualquer cultura na forma de rituais, costumes, crenças, mitos, espaços, narrativas, símbolos, instituições, saberes etc. (BOFF, 1999a, p. 57; HALL, 2006, p. 47-65; MORIN, 2000, p. 47-61 e 2007, p. 35; TATTERSALL, sd., p. 68-75).

² A escola é vista neste capítulo apenas em relação à família, sendo objeto de estudo no segundo capítulo com relação ao consumismo.

atores sociais³. Estes atualmente seriam fatores condicionantes do ser social e cultural no interior da comunidade, instâncias simbólicas peculiares da realidade local⁴. Dado o relativo isolamento geográfico da comunidade com outras realidades, sejam urbanas ou ribeirinhas, limita-se a análise ao contexto macro que esses espaços poderiam desempenhar na vida do morador nato. As influências que a escola, a igreja e o lazer (festas e diversões) têm neste processo de individualização-socialização, porém, tiveram como referência o papel que a família apresenta. Esta, aparentemente, se mantém como instância local privilegiada de escolhas e decisões. Percebe-se o seu destaque na vida do morador da comunidade. Nela estaria ainda presente incumbências de um tempo em que pais e filhos se identificavam uns com os outros, isto é, em que entre eles havia influências profundas e recíprocas quanto ao modo de vida. O levantamento desta questão dos valores da tradição e de uma história originária foi possível devido esta população está há mais de duas gerações residindo no lugar, de grande parte provir das bandas da “ilhas do Pará” (Afuá, Chaves, Breves etc.) e principalmente de apenas uma das cerca de vinte e quatro famílias mencionadas, não se inserir nos laços de parentesco. Feitas essas observações importantes, adentra-se a categoria específica de análise em si, os grupos familiares. Por se considerar a existência, no contexto moderno, de uma multiplicidade de espaços e grupos sócio-culturais (entre esses, o da família), busca-se saber se os grupos familiares da comunidade investigada podiam ser considerados estruturados ou não, e qual o significado de se ser ou não uma família estruturada. Neste primeiro momento, destacaram-se traços do imaginário simbólico dos moradores locais quanto a esse espaço no que se refere ao contexto comunitário e ao contexto urbano. E num segundo momento, para saber se a dinâmica do grupo familiar seria a mesma nos dois contextos adentrou-se na convivência real, para perceber traços que indiquem noções de ritmos e territorialidades diferenciadas. Se há

³ O conceito de espaço e ator social é entendido na perspectiva de Ortiz (2000, p.106-107) e de Giddens (1991, p. 27), que os vêem, respectivamente, como fator de enraizamento sócio-cultural e de auto-afirmação humana em determinado contexto.

⁴ Na perspectiva deste trabalho, a cultura é compreendida como instância simbólica que se manifesta em formas concretas de identidade, constituindo uma visão de mundo autônoma (apesar de aberta) de outras visões de mundo (LOUREIRO, 1995, p. 33 e MORIN, 2000, p. 57).

duas realidades culturais no interior da comunidade investigada, o capítulo primeiro termina propondo alguns destes momentos que remete à sua identidade cultural originária. Alguns são memórias longínquas, outros remetem a reformulações, mas já se chama a atenção para o fato da realidade moderna, com sua lógica do consumo, está influenciando na rotina diária do morador local.

O objetivo do segundo capítulo foi analisar como esta comunidade ribeirinha é afetada pelo contexto contemporâneo da sociedade moderna do consumo e do capital. Neste capítulo destacam-se a contribuição teórica de autores como Giddens (1991), Ortiz (2000) entre outros, para o esclarecimento da problemática deste trabalho, já que é evidente as grandes e profundas transformações porque passam as sociedades modernas e a realidade amazônica. Neste caso, ressalta-se que a modernidade é mais que o consumismo, mas este se torna um fator fundamental para a expansão das estruturas modernas carregadas de ambigüidades, pois inferioriza ou nega as outras manifestações culturais.

A complexidade da questão levantada neste capítulo levou a uma análise da televisão e da escola. Como se percebe, o imaginário simbólico que se projetou e veicula através destes dois elementos é destacadamente uma visão moderna. Esta dupla análise baseou-se no antes e no depois das suas introduções na dinâmica da comunidade local. Comparou-se, então, alguns modos de vida. A análise sobre a televisão procura verificar qual o impacto dos apelos televisivos para o consumismo material e os sonhos e valores modernos. Se este é um canal privilegiado de acesso ao mundo moderno, não há dúvida que seja também uma forma especial de se perceber a lógica de uma sociedade pautada na chamada “ética do consumo”, Assim, destacam-se três costumes ou tradições para se verificar o seu nível de identificação com os moradores locais, contemporaneamente. Estes três costumes, a partir dos levantamentos feitos, tiveram como referência a implantação da energia 24 horas, quando então a presença da televisão estaria em fluxo desimpedido. A análise sobre a escola visa perceber qual o imaginário comunitário sobre esta instituição e qual a sua influência na escolha da profissão e do futuro. Busca-se saber, a partir daí, se haveria a noção de educação e mesmo de escola na história da comunidade. A existência de duas escolas atualmente em seu

interior serve de parâmetro para se saber qual o imaginário simbólico de antes e depois, sendo a primeira de nível fundamental, implantada em 2004, e a outra, de nível médio, implantada em 2006. Assim se percebe qual a influência que a educação escolar tem sobre as escolhas profissionais e de vida (futuro) na dinâmica atual dos moradores.

O procedimento metodológico da abordagem do objeto de estudo ocorreu da seguinte maneira: a pesquisa empírica realizou-se entre os meses fevereiro e agosto do ano 2008, sempre nos finais de semana. O universo investigado: num total de cerca 24 famílias que habitam a comunidade em questão, selecionou-se 10 espaços familiares, estabelecendo contato com famílias pequenas e grandes, jovens e mais antigas. Deslocava-se para lá, de caiaua (único veículo possível), pela parte da manhã, munido de questionários por temáticas⁵, aparelho gravador, caderno de anotações, máquina fotográfica, tendo inclusive a oportunidade de ficar hospedado na casa de uma das famílias do local e de participar de momentos particulares ou da vida comunitária (refeições, festa da Padroeira etc.). As quatro temáticas foram analisadas como focos culturais, com observações participantes, sendo que as entrevistas giraram em torno de pescadores, estudantes, pais-mães e líderes comunitários.

A receptividade nas casas não se seguiu em todas, no sentido de que a maioria dos dados coletados, principalmente de depoimentos, foi dado por moradoras, devido ou os moradores (homens) estarem trabalhando (pescando, tirando açaí, “pro Oceano” etc.) ou não quererem falar. Isso limitou, por certo, o trabalho⁶, repetindo alguns entrevistadores quanto às temáticas. A questão da análise dos discursos, então, foi levada da seguinte forma: no primeiro capítulo foram colocados relatos de moradores quanto à origens da comunidade, de pescadores sobre a pesca e de pais/mães/filhos quanto à família. No segundo capítulo, no tópico sobre a televisão, houve a predominância feminina e no tópico sobre a escola, parte das informações foram recolhidos nesta instituição e parte nas famílias. A coleta dos dados sobre as temáticas permaneceu em arquivo cassete, sendo acessível os questionários e os dados básicos dos

⁵ Pesca, família, televisão e escola. Ver Apêndice A.

⁶ No tópico sobre a pesca conseguiu-se contato com o número de pescadores sugestionado nos objetivos.

entrevistados⁷. Por tratar-se de uma comunidade ribeirinha e pouca conhecida, criou-se um mapa de localização geográfica da mesma, com destaque para os principais pontos em derredor (ver Apêndice C).

⁷ Como nome, idade, escolaridade, número de filhos, ocupação etc. Ver Apêndice B.

1 UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA: A MARGEM DO RIO CACHOEIRINHA

Ao se analisar a comunidade Margem do Rio Cachoeirinha percebe-se que esta apresenta especificidades quanto ao modo de vida, se inserindo no que Loureiro (1995, p. 27-30) chama de “cultura amazônica”, entendida como um modo de vida com imaginário simbólico singular. Ao fazer essa análise o autor toma como referência duas categorias conceituais, a saber: identidade entendida a partir de um processo histórico; e o ambiente amazônico, tendo em vista a exuberância natural da região. Neste sentido, o principal objetivo deste estudo, que toma como análise empírica uma comunidade tipicamente ribeirinha, é estudar suas destacadas condições sócio-culturais frente ao impacto da pluralidade cultural presente na sociedade contemporânea, intrinsecamente ligada ao que se denomina “cultura ou ética do consumo”.

Destaca-se neste capítulo uma abordagem acerca do contexto cultural que se considera a base originária da vida da comunidade aqui estudada. Esta comunidade nasce associada à dinâmica da realidade amazônica, embora esteja em contato com outras realidades sócio-culturais.

Para adentrar no universo da pesquisa tomaram-se como análise duas categorias significativas: a pesca, considerada o meio de subsistência principal, e a família, percebida como espaço fundamental de socialização e individualização. Estas duas categorias de análise destacam-se como fatores determinantes na análise em questão desta comunidade, mesmo com o constante impacto da chamada “cultura moderna”, conforme a análise a ser detalhada neste trabalho.

1.1 RAÍZES HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS VISTAS A PARTIR DO MEIO DE SUBSISTÊNCIA PRINCIPAL: A PESCA

1.1.1 Condições para a construção da territorialidade física e cultural da comunidade⁸

Situada no lado direito da Ilha de Santana (para quem olha do Porto de Santana), em pleno rio Amazonas, a comunidade ribeirinha investigada chama-se oficialmente Margem do Rio Cachoeirinha, sendo mais conhecida como “o Cachoeirinha”⁹. Localizada numa estreita faixa de terras de várzeas (daí o nome “Margem”), possui dois pontos com terra firme, sendo um no começo (lado direito) e no extremo esquerdo da comunidade. De catraia, a Margem do Rio Cachoeirinha fica a uma distância de cerca de 30 minutos da cidade de Santana, tendo como comunidades mais próximas a Ilha de Santana, a Foz do Rio Vila Nova, a Foz do Rio Matapí, o bairro do Elesbão, o Rio Banha e o município de Mazagão. A única forma de comunicação entre as casas na comunidade é por meio de canoa ou catraia; o “trapiche” tornou-se o principal meio de acesso e interconexão entre as casas entre si e com os que vem de “fora”, pelo rio.

⁸ A noção de territorialidade física e cultural é vista por Ortiz como condição inicial para o mapeamento dos elementos-chaves de uma organização sócio-cultural-comunitária, aja visto que a existência humana se faz em determinados ambientes e contextos (ORTIZ, 2000, p. 72-73).

⁹ Cf. MAPA DA COMUNIDADE. O nome, “Cachoeirinha”, de acordo com alguns moradores, advém de uma forte correnteza, de uma “agitação das águas”, em frente à casa que teria dado início ao povoamento da comunidade. Essa correnteza é vista principalmente em fase de maré baixa e é provocada por vários blocos de pedra.



Foto: Autores

Figura 1: “A Cachoeirinha”

Segundo relatos de moradores antigos do local, a origem do povoamento e o domínio das terras da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha remontam ao período entre 1940-1950, com a chegada de alguns padres missionários alemães. Estes se estabeleceram na extrema direita da região (frente ao Elesbão), numa das duas principais áreas de terra firme. Lá construíram casa, escola, capela e outras estruturas destinadas a um trabalho religioso e também a um serviço social, como afirma o morador de 49 anos, casado, filho do primeiro morador local, o informante 01:

Todas essas terras que hoje é o Cachoeirinha não tinha nada, era só mata. Ai vieram os padres. Isso por volta de 40, 50, [anos de 1940 e 1950] mais ou menos. O papai contava que eles eram missionários, da Alemanha, foi pra construir um “orfanato” que eles tinham vindo, aqui na região. Ai nesse pedaço que eles ganharam da prefeitura de Mazagão tinha de tudo, capela, uma casa de “sobrado” que era enorme, escola. Era muito movimentado.



Foto: Autores

Figura 2: A área primeira.

O motivo que conduziu a este tipo de ocupação, em pleno período de modernização da Amazônia por meio dos grandes projetos econômicos de empresas multinacionais, governos militares e empresas nacionais, precisa ser elucidado. Muitas são as experiências de colonização e ocupação moderna deste período, levando vários autores (BOFF, 1999a; LOUREIRO, 1992; LOUREIRO, 1995; RIBEIRO, 1995, p. 307-338) a considerar, regionalmente,

que a cultura amazônica divergiria de traços elementares do modo de vida moderno, pois este obedece à lógica concentradora (deturpadora) de renda, terras, meios de produção e de bens de consumo, enquanto aquela tenta salvaguardar a lógica comunitária e moderada. São dois modos distintos de ver e compreender o ser humano, a vida, o universo e o mistério da existência, e não apenas simples questões de utilidade ou consumo material.

Tudo leva a assertiva que o início do povoamento do Cachoeirinha não se deu com a mesma lógica do povoamento de outras regiões da Amazônia, onde predomina ou predominou a lógica capitalista moderna. Embora os primeiros ocupadores fossem estrangeiros, não permaneceram fechados em seu universo cultural hegemônico. Havia outra “lógica estruturadora”, que levou posteriormente à formação de uma comunidade tipicamente amazônica, situada num dos trechos estratégicos do rio Amazonas. Esse olhar nativo, segundo Loureiro, permaneceria dominante, desde há várias gerações até os anos 1950, a consciência estruturadora das comunidades humanas amazônicas:

Os naturais da região consideravam a terra como parte indissociável de suas existências, tendo habitado nela por gerações seguidas (...). Eram pequenas áreas de terra com mata natural, lagos e cursos de água, onde se desenvolvia roçados de mandioca, arroz, milho e feijão, o extrativismo vegetal (castanha, seringa, cumaru, pau-rosa etc.), o extrativismo animal (a pesca artesanal e caça de animais silvestres). Habitavam nela também os grupos indígenas da região (LOUREIRO, 1992, p.11-12).

Por volta de 1960, a região ribeirinha, que posteriormente se tornou a comunidade do Rio Cachoeirinha, recebeu uma presença particular. Estabeleceu-se próximo aos padres o senhor Levindo Alves¹⁰, que provinha de Breves, das bandas das “ilhas do Pará”. Trata-se de um contato com um significado muito peculiar: a complementaridade cultural. Sob o olhar de seu Levindo Alves, a zona urbana (mais imediatamente a área portuária e comercial) se transformara num local de troca: 1) pescados e animais caçados; 2) colheitas de açaí, mandioca, verduras, frutas etc; 3) criações de porcos,

¹⁰ Falecido em 2005, com 96 anos de idade.

galinhas, patos etc; 4) produtos da floresta como “peneiras” de amassar o açaí, tipiti, toras de madeiras, seringa etc. Apesar de nascido e criado perto dos rios e das florestas, estava em constante contato com a “cidade”, como reforça entre vários moradores do lugar, o de 44 anos, pai de 03 filhos, também filho do primeiro morador, informante 02:

O papai vinha pra essas bandas porque ele vendia produtos [seringa, madeira etc] e vinha comprar também a mercadoria básica. Os padres tavam se instalando na região. Não sei quem foi que informou, mas os padres souberam que o papai trabalhava bem e conhecia a região. Ai perguntaram se ele não queria trabalhar com eles, tomar conta do terreno, que não era só aquela parte de terra firme da frente do Elesbão, mas toda a área que tem essas casas.



Foto: José Raimundo

Figura 3: Os pais fundadores, Levindo Alves e dona Joana.

De fato, segundo Loureiro (1995, p. 17-24; 55-74), não obstante a influência dos mais diversos valores e modos de vida de tantas culturas tenha se feito presente na Amazônia, devido seu relativo isolamento cultural e geográfico é possível distinguir duas formas de olhar sobre a região: o olhar do natural e o olhar do imigrante. Sob essa dupla concepção, o mito do “inferno verde” (natureza indomável) e do “homem selvagem” (determinado pela natureza e pelo irracional) desfaz-se. Isso seria de suma importância para que se possam descobrir os “véus” que encobrem a relação entre o homem e a natureza. No transcorrer de várias gerações a gente da terra trabalhava para viver, e vivia para descobrir os mistérios e os encantos da vida.

A versão destes moradores antigos quanto ao começo do povoamento do Cachoeirinha é comentada por diversos moradores locais, como a moradora de 28 anos, casada, professora fora da comunidade, a informante 03:

É muito comentado que os primeiros moradores daqui da comunidade foram os padres, todo mundo sabe que tinha um orfanato lá no pedaço que hoje é do X [nome do dono atual], depois veio o seu Levindo Alves [avô dela].

O senhor Levindo Alves, homem de profunda “religiosidade” e abertura prazerosa para o “trabalho”, foi contratado pelos padres, que fizeram dele uma espécie de zelador ou caseiro dos lugares pertencentes a eles. Percebe-se que a sua presença é a garantia de um olhar fundamentalmente nativo, reforçando a idéia de Loureiro (1992, p. 17), que considera a existência do “complexo rio-mata-quintal-roça” na vida do natural da região. O olhar do nativo é humilde e profundo, frente aos vários elementos naturais que compõem o imenso e denso espaço amazônico. Ele constitui o “seu mundo”. São quase 14.000 cursos de água e uma floresta de milhares e milhares de quilômetros, com uma mata de milhares de espécies de seres vivos e mil segredos.



Foto: Autores

Figura 4: Primeira casa

Foto: Autores

Figura 05: Formato da casa

Os primeiros colonos (neste caso, não-nativos) da comunidade certamente pressentiram no senhor Levindo esta singular forma de ver, sentir e trabalhar, levantando a questão de que o homem amazônico, chamado de caboclo, estaria presente nos mais diversos grupos que vivem e sobrevivem

em função das riquezas das tradições e dos costumes das gerações passadas, assim como das riquezas das florestas e dos rios: pescadores, coletadores de castanha, mateiros, extratores de seringa, de pele, de couros, de resina das árvores, nos lavradores, seringueiros, artesãos etc. Na base da identidade do homem nativo estaria a visão de que, conhecer a região amazônica é como contemplá-la, respeitá-la, protegê-la, aprofundá-la, com sua imensidade e seus “porquês”. Para Loureiro (1995, p. 55-64), isso se assemelharia ao mesmo percurso das culturas originárias que encheram de sabedoria e harmonia as relações dos homens entre si e com a natureza ao longo da história humana, história essa também carregada de conflitos e insanidades, e que, primeiro as comunidades indígenas e depois as comunidades ribeirinhas souberam intuitivamente percorrer.

Vários elementos fundamentadores do modo de vida da comunidade do Cachoeirinha ressaltam a consciência das pessoas e de sua identidade cultural quanto a este jogo dialético que se trava entre o mundo amazônico e a face destrutiva e excludente do mundo moderno, como o valor afetivo para com o rio, o trabalho comunitário, a importância da família e a preservação das raízes “antigas e interioranas”, entre outros, perpassando um olhar que relaciona mutuamente a forma de produção e reprodução material e simbólica, numa ecologia humana e natural singular, constituindo o modo de vida amazônico. O “Ser” traduz-se por meio das marés, das estrelas, do vento, das nuvens, do calor, da colheita, da pesca, da caça, do silêncio, da escuridão, da terra, do sol, dos pássaros, da solidão, das lendas, da culinária, da sabedoria dos mais velhos, das histórias, das festas, das viagens, o que leva Loureiro a considerar a riqueza da cultura amazônica como:

um verdadeiro universo povoado de seres, signos, fatos, atitudes, que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação. Trata-se de um mundo de pescadores, indígenas, extratores, consumidos em longas e pacíficas jornadas de trabalho; de uma geografia de léguas de solidão e dispersão entre as casas e as pequenas cidades; de um viver contemplativo onde predominam a linguagem e a expressão devaneantes, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano. (LOUREIRO, 1995, p. 68).

Num rápido apanhado que foi dado por vários moradores das dez famílias visitadas, assim teria nascido a comunidade Margem do Rio Cachoeirinha, com Levindo Alves e sua esposa, dona Joana, grandes referências concretas e simbólicas na vida da comunidade, que foram criando os filhos/filhas e aos poucos foram dividindo as terras com eles e conforme a necessidade dos parentes e familiares. Daqui deriva uma peculiaridade quanto a essa população: apenas uma não se enquadra nos laços de parentesco das outras famílias.

Os novos habitantes (nativos) possuirão um modo de vida que lhes dará voz, identidade, valores, costumes, territorialidade, consciência, alma. Será um olhar profundamente natural e humano sobre a natureza e a pessoa, sobre o peso da existência e a sua leveza, sobre o trabalho e os seus frutos, não obstante o imaginário da modernidade querer levar à sua negação ou destruição, como se verá no próximo capítulo. No fundo, constituiu-se o que Loureiro (1995, p. 64) chama de “poética do imaginário”: o mundo do amazônida nunca é inerte, mecânico, mudo, vazio. Tem uma dimensão profundamente espiritual que se traduz na labuta concreta de cada dia, “de sua profusão de sons, cores e movimentos. Ele é habitado pelo sagrado” (BOFF, 1999a, p. 313), que resgatará o valor em si de todas as coisas, como se verá ao se analisar especificamente traços culturais elementares como a pesca e a família. A relação dos moradores natos se dará quase exclusivamente por conta de seu valor de uso (neste sentido, valor ligado a “viver” e “ser”), e suas relações entre si basear-se-ão numa socialização, sensibilidade e fraternidade universal (LOUREIRO, 1995, p. 99).



Foto: Autores

Figura 6: Religiosidade nos quadros de “santos” na parede.

Esta observação torna-se extremamente significativa no contexto da sociedade moderna. Uma poderosa máquina capitalista, destruidora de identidades e territorialidades culturais, está instalada na Amazônia (BECKER, 1991, p. 11-13), direcionando ao que Hall já dizia quanto “a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’”. (HALL, 2006, p. 75). O que antes no imaginário simbólico e nas comunidades ribeirinhas era um modo de vida singular tornou-se agora, “sonho de consumo” (o “espelho quebrado”, de que fala Loureiro, 1995, nas suas considerações finais). Um constante êxodo rural ocorreu na busca de melhorias de vida fora da família ou comunidade de origem.

Exemplos próximos atestam a influência impactante deste processo de modernização pautado na “ética do consumo”, como o projeto de exploração de manganês denominado ICOMI, implantado no antigo Território Federal do Amapá¹¹. Buscando grande parte de mão-de-obra constituída de “gente da terra”, “caboclos”, a empresa atraiu para Santana centenas e centenas de famílias ribeirinhas que viviam nas ilhas entre Pará e Amapá e em derredor, na procura incerta e arriscada de trabalho, liberdade, vida e “civilização”. Neste período, tanto trabalhadores empregados como o exército de mão-de-obra reserva que se formou viviam envolvidos de uma propaganda desenvolvimentista, divulgada pela empresa e pelo Estado:

Repassando a idéia que o progresso adveio com a chegada da empresa exploradora de minério e que ela tem muito a fazer pela região, pois se preocupa com os problemas e mazelas da Amazônia, que é definida como atrasada. (GONÇALVES, 2006, p. 48).

¹¹ A ICOMI, sigla de Indústria e Comércio de Minérios S.A., cuja associação com a empresa internacional Bethlehem Steel Co e o respaldo da Constituição de 1946, deu início praticamente a partir do começo da década de 1950, aos grandes projetos de desenvolvimento econômico na região amazônica, pautados na lógica da grande empresa (GONÇALVES, 2006, p. 27-40).

Para muitas famílias, porém, esse desejo de melhorar a vida, o sonho de entrar no “mundo civilizado”, de habitar a “alta” sociedade virou pesadelo:

Ainda que a maioria dos favelados sejam migrantes rurais, não provêm das regiões em que ocorre o tipo de expulsão violenta que aparece na mídia. Em suas regiões nativas praticavam a tradicional economia agro-extrativista cabocla; degradadas suas condições de produção e reprodução econômica por obra da concentração fundiária, da expansão da agricultura capitalista, do avanço das pastagens extensivas, da falta de assistência técnica e, sobretudo, de crédito rural (permanecem submetidos à usura do colonial sistema de aviação), sofrem aquilo que os autores denominam de ‘desapropriação e expulsão silenciosa’. (MITSCHKEIN, 1989, p. 8).

A “urbanização selvagem” e a “proletarização passiva” a que foi submetida, nos últimos anos, a população nativa da Amazônia, leva a recolocar a problemática implicada no choque entre o mundo amazônico e a modernidade. Isso pode ser exemplificado no transcorrer da própria história da territorialidade geográfica e cultural da comunidade estudada, revelando problemas no que se refere à posse das terras e aos meios básicos de vida dos moradores.

O fato de as terras do Cachoeirinha estar na mão conservadora do senhor Levindo, e de seus filhos e parentes, não lhes deu a carta “oficial” de posse destas. Assim como em tantas outras comunidades ribeirinhas amazônicas, a comunidade do Cachoeirinha nasceu sob a lógica da necessidade e da capacidade de viver. Segundo Loureiro (1992), até 1940, a base fundamental da estrutura produtiva – as terras – estava praticamente livre em toda a Amazônia e era ocupada originalmente por pequenos produtores, onde haviam se fixado sem disputas e conflitos. Na enumeração destes traços amazônicos, percebe-se a não influência impactante da ótica ou ética moderna, prevalecendo uma organização social tradicional e limitada aos ditames da natureza amazônica, ou seja, não-submissa aos ditames do mundo global:

As relações do homem amazônico do interior com a natureza – estabelecidas fundamentalmente no sentido de garantir a sobrevivência e a perenidade dos grupos sociais – se processavam de forma direta, passando ao largo, em grandes números de casos, do instituto da propriedade privada, dos instrumentos de trabalho mais desenvolvidos tecnologicamente e das relações mediatizadas pelo dinheiro. (LOUREIRO, 1992, p.14).

Antes do término da década de 1960, o trabalho iniciado pelos padres alemães é paralisado, dado a problemática geopolítica internacional (Guerra Fria, Comunismo, Segurança Nacional etc.). As terras do Cachoeirinha, porém, continuam ocupadas pelo senhor Levindo Alves, vivendo com seus filhos na margem defronte da Foz do Rio Vila Nova. O local da frente do Elesbão, área primeira de ocupação, é alugado até por volta de 1970, quando passara às mãos de várias freiras. Uma espécie de “orfanato”¹² fora montado, até que anos mais tarde (por volta de 1975), foi deslocado para Santana. A origem da Casa da Hospitalidade remontaria daí... O orfanato e suas estruturas anexas são vendidos a um empresário santanense, por volta de 1988, que independentemente de o contrato assegurar apenas o lote das freiras e alguns bens, acabou estendendo seu domínio a toda a região do Cachoeirinha. Sobre essa visão histórica dada por vários moradores, o informante 01 assim se manifesta:

Os padres ficaram na região até 1967, mais ou menos. Conta-se que por eles serem estrangeiros, a presença deles era suspeita, aí não podiam ficar, eu sei que daí o terreno passou por várias mãos, foi alugado, veio freiras, até parar na mão do x [comerciante e empresário santanense]

Esta questão veio à tona em 1992 com a tentativa de reintegração de posse, mas, segundo informante acima citado, os moradores se movimentaram juridicamente e obtiveram ganho de causa quanto a não desocupação. Esta implicaria uma indenização sobre os bens de utilidade pessoal e social (casa, manejo, estaleiro etc.). O peso da indenização e a improdutividade das terras¹³

¹² Segundo fontes diretamente ligadas a Casa da Hospitalidade, tratava-se de um Internato.

¹³ Improdutividade das terras, por parte do pretense dono.

há anos levaram o processo à inércia¹⁴, sendo as terras do Cachoeirinha repassadas à demarcação dos lotes pertencentes a cada família, por parte do Instituto de Terras do Amapá (TERRAP), no ano de 1997.

1.1.2 O contato com os trabalhadores e o papel organizador e estabilizador da vida cultural e concreta a partir da pesca

A comunidade do Cachoeirinha, como viu-se, nascera com formas singulares de ver o mundo. Condições propícias fizeram com que o seu começo histórico e as raízes geográficas fossem entrelaçadas ao universo ribeirinho-amazônico. Ver-se-á, neste momento, a atividade pesqueira, que se considera um dos meios de subsistência tradicional mais importante, não só da comunidade, mas de toda a Amazônia, como sustenta Loureiro, ao considerar que “a vida na beira do rio corresponde a uma articulação com a natureza, sendo a água o elemento definidor da cultura dessas populações ribeirinhas” (LOUREIRO, 1992, p. 16).

Há diversos elementos que remetem a uma forte herança histórica e simbólica, levando a uma compreensão natural da prática da pesca. Investigando os tipos de trabalhos que existem no seio da comunidade estudada, descobriu-se os mais variados, como o de pescador, estaleiro, extrator de açaí, professor, funcionário público e catraieiro. A ancestralidade e a importância da atividade pesqueira na vida desta população, porém, leva a

¹⁴ Interessante é perceber como, diferentemente de comunidades como as indígenas e as quilombolas, a defesa da territorialidade se reduz à parte física e econômica, desconsiderando o valor intrínseco da terra e da natureza e toda a riqueza cultural e histórica das pessoas que aí viveram, vivem e viverão. Isso manifesta, em certo sentido, a negligência ou omissão histórica de uma concepção de “cultura” e “homem amazônida”, não obstante a Constituição Federal assegure, ainda que implicitamente no art. 216, o qual trata da “cultura”, como partes constituintes do “patrimônio cultural brasileiro”. Ver Ribeiro (1995, p. 307-378) e Loureiro (1992).

considerá-la mais que um simples meio de subsistência, colocando-se ainda mais no interior dos traços essenciais da cultura amazônica:

As duas atividades de trabalho que marcaram tradicionalmente a sociedade amazônica, pode-se retomar esse tema para efeito demonstrativo, são a pesca e o extrativismo agrícola. Tanto o pescador como o agricultor propendem à contemplatividade e ao devaneio, seja pelas longas e pacientes jornadas de trabalho, seja pelas contingências da vida ribeirinha. Há um mundo a perder de vista à sua frente, envolvendo-o com uma natureza da qual devem ser extraídas não só a subsistência, como a explicação de tudo: desde os pequenos acidentes da cada dia, até às verdades eternas como a explicação dos começos de tudo. O devaneio contemplativo sempre foi a linha inconsútil que ligou o caboclo amazônico do barranco – à beira do rio – às estrelas. Uma espécie de cordão umbilical ligando seu ser imaginal e o grande útero cósmico do universo (LOUREIRO, 1995, p. 194-195).

Optou-se ver não apenas o lado funcionalista ou estruturalista desta atividade, para perceber toda a riqueza cultural e histórica que a mesma carrega, fundamentadora da vida pessoal e social hoje.

1.1.3 Traços elementares da pesca

A pesca pode ser vista sob dois objetivos: 1) a de subsistência, de pequena produção, geralmente ocorrida no que os pescadores chamam de “Amazonas” (de Mazagão até a região do Gurupá), no período que vai de junho a setembro, e 2) a comercial, de maior produção, ocorrida no que eles chamam de “Oceano” (60 milhas da costa do Bailique), no período de novembro até julho do ano seguinte. Dando uma visão geral sobre essa questão, dois pescadores, respectivamente de 41 e 49 anos de idade, ambos casados, os informantes 01 e 04 assim se expressam:

Na costa do Bailique, saindo do Bailique, numa base de 60 milhas, a gente pesca. Aqui na região, é do Mazagão até o Gurupá, mas só 4 meses, o resto é no Oceano.

Quando termina a época do Amazonas a gente passa pro Oceano; todo tempo a gente tá pescando, praticamente o ano todo pescando; pescador vive disso. Se ele para, só na época do “defeso”, mas pra vender. Pra comer é todo tempo, porque o nosso alimento todo tempo é o peixe; ninguém pode parar de pescar, quando não é para comercializar é pro consumo.

Existem, então, dois locais e dois momentos para a prática desta atividade. Não rigorosamente, porém, a pesca comercial deixa de ser destinada à subsistência e a de subsistência a comercialização. A lógica que predomina não é a de um trabalho abstrato ou a de um valor de troca vazio, ambos afastados da vida concreta e diária do pescador e de sua família. O que está em jogo é o sustento digno e livre do ser humano e de seus dependentes, como afirma o jovem pescador de 21 anos de idade, com um filho, casado, natural de área ribeirinha, o informante 05:

A pesca pra minha vida é essencial, que a gente sobrevive desse negócio. Agora quando tá parada a pesca [pro Oceano] a gente procura fazer alguns “bicos”, mas o mais importante para nós é a pesca, que é dá onde a gente sobrevive melhor.

Goldmann, comentando os dois princípios básicos que consolidariam a produção capitalista desde o século XIX - o valor de troca e o trabalho abstrato - e que transformou por completo as relações sociais e culturais tradicionais, em que predomina o valor de uso e o trabalho concreto, esclarece a lógica que poderia estar conduzindo a pesca no interior da comunidade do Cachoeirinha:

ressaltemos a importância capital desses dois fenômenos para a estrutura psíquica dos homens que vivem no mundo capitalista. Desde logo, eles devem necessariamente levar à ruptura das relações imediatas entre os homens e a natureza (...). Também é verdade que o desenvolvimento da produção capitalista baseada no fator puramente quantitativo do valor de troca, fechou progressivamente a compreensão dos homens aos elementos

qualitativos e sensíveis do mundo natural. A sensibilidade a esses elementos tornou-se um privilégio 'dos poetas, das crianças e das mulheres', isto é, dos indivíduos à margem da vida econômica. (GOLDMANN, 1979, p. 121).

Isso pode ser percebido mais de perto. Em cada barco, a maioria de porte pequeno, estilo “lança”, e fabricado na própria região, trabalhariam, em média, quatro pessoas, sendo a maioria parentes. Como a comunidade é formada de pescadores, que são parentes próximos (pai, filho, sobrinho, tio etc.), existe uma solidariedade conjunta entre eles, pois quando um precisa de serviço, estão prontos para trabalhar. A pesca se inicia, assim, com a preparação dos recursos e ferramentas (barco, rede de pesca, óleo, isopor, gelo, matapí, malhadeira, anzol etc.). A rede de pesca constitui o instrumento principal de trabalho, sendo que, devido à demora na sua fabricação, é comprada fora da comunidade. Os pescadores que trabalham fora da região (a grande maioria deles) precisariam de uma base de quatro mil braços de rede para não terem prejuízos. Ao término da atividade, retornam. Na casa de um deles, conferem os custos e os saldos e assim deslocam-se para o Porto de Santana, onde será efetuada a venda.



Foto: Autores

Figura 07: Barco da Região

Foto: Autores

Figura 08: Pescadores

Esta ligação com a cidade, além de ser feita por entidades “oficiais” (“Colônia” e “Cooperativa”, onde todos os pescadores são associados e muitos receberam inclusive barcos financiados pelo governo), é feita pelo comércio. A relação pescadores da comunidade e comércio urbano até agora é feita sob o olhar da realidade local. Permanece a lógica humana, comunitária e ecológica no trato do trabalhador, na divisão dos bens e no manuseio da natureza. Isso ressalta o que Loureiro diz acerca do tipo de trabalho para o homem natural da região amazônica, antes da introdução das bases do modo de produção capitalista a partir dos anos 1960, quando da estratégia dos chamados “superprojetos econômicos” e de suas articulações com o mercado global:

Privilegiava a produção e o reparo dos meios de vida (canoa, redes etc.) e não a produção de mercadorias e, sob essas condições, o trabalho humano estava longe de ser ele próprio também uma mercadoria (LOUREIRO, 1992, p. 19).

Permaneceria fundamentalmente na atividade pesqueira uma herança cultural e histórica singular. As mudanças que estariam ocorrendo atualmente na nova geração reforçam a postura frente a esta atividade: a de o pescador somente levar para o Oceano aqueles que têm experiência, para não “atrapalhar” ou “atrasar” a pescaria, como sustenta o pescador de 41 anos, pai 06 filhos, há anos trabalhando na atividade, o informante 04:

Aqui eu tenho o meu filho e outras pessoas que trabalham, colegas e outras pessoas de fora, mas que entendem da pescaria, uma faixa de doze pessoas, cada barco trabalham quatro. Aqui é uma comunidade pescadores, todo mundo tem barco, tem que pegar pessoas “profissional”, porque não é todos que vão pro Oceano. Tem pessoas que vai pro Oceano e não tem prática e chega lá fica quatro ou cinco dias caído, que não levanta pra nada, então o “cara” não vai levar uma tripulação que não tem experiência, chega lá e não vai ter condição de pescar.

Tem-se consciência da singularidade desta atividade, não aberta aos não-iniciantes. Ela estaria envolvida numa atmosfera mítica, sendo um desafio

para qualquer um. As “histórias”, os acontecimentos míticos, as lendas, contadas de geração em geração reforçariam este aspecto experiencial. Esta experiência então é possibilitada pelos mais antigos pescadores para os mais jovens através da “prática”, que é adquirida no convívio cotidiano e profissional. Haveria uma intrínseca ligação entre “saber”, “natureza” e “trabalho”, que em nenhum momento se compara com a noção cientificista e tecnicista do mundo moderno.



Foto: Autores

Figura 09: Jovem pescador

Observam-se as possibilidades positivas abertas pela modernidade, sintetizadas na frase “melhorar de vida”, mas não tanto como forma de “aperfeiçoamento” da atividade, revelando que muitos pescadores se vêem em condição de inferioridade, desvalorizados, não obstante serem os pilares concretos e simbólicos da vida na comunidade, como revela o pescador de 45 anos, casado, natural de área ribeirinha, pai de 06 filhos, o informante 06:

Não é futuro pra ti pescar [com relação ao seu filho]. Ele é um ramo [a atividade pesqueira]. Eu não sei desse ramo porque eu sei que não vou estudar pra ser um médico ou um doutor, mas ele que tá com 15 anos, novo, então eu digo “meu filho estuda, o teu futuro é trabalhar com o pé no sapato, isso é o que é”.

Percebe-se, então, que em termos de auto-afirmação identitária, no que diz respeito ao forte peso sentimental que esses moradores ribeirinhos tinham para com o mundo amazônico e quanto às riquezas do imaginário simbólico e da tradição, o impacto é sentido. Esta questão vai ser aprofundada no próximo capítulo que trata da influência da escola na vida da comunidade.

Na interpretação da natureza da atividade-motora da comunidade - a pesca - chega-se a conclusões, portanto, que afirmam um modo de vida com divergências claras quanto ao mundo capitalista: 1) reduzida acumulação de capital; 2) produção voltada às necessidades básicas; 3) uso maciço de mão-de-obra familiar; 4) adequado desenvolvimento tecnológico, tipicamente artesanal; 5) baixo nível de degradação ambiental; 6) conhecimento dos ciclos naturais; 7) influência de casos míticos associados à pesca; 8) baixo poder de compra; 9) inexistência de registro de carteira assinada ou de “patrões”.

Fica claro, comparado com a influência do modo de produção capitalista, que o meio de subsistência do típico homem da Amazônia chamado caboclo revela singularidades adequadas às especialidades da região, apontando para uma reflexão prática sobre um novo tipo de desenvolvimento, como encarnou Chico Mendes, na alma e na militância em favor da vida e dos homens que vivem e sobrevivem das riquezas amazônicas (NAKASHIMA, 1992). Pois ficou comprovada na grande maioria das análises sobre a influência dos grandes projetos econômicos que a Amazônia não deixou de ser uma região estratégica e periférica do sistema capitalista, ocorrendo: 1) a aplicação intensiva de tecnologia contra a natureza; 2) o extermínio de populações originárias; 3) a superexploração da força de trabalho; 4) a produção dominante de matéria-prima e voltada para o mercado nacional e internacional (BOFF, 1999a, p.136). Os surtos de povoamento do tempo da colonização cederá lugar à sistemática e moderna ocupação e dinamização do modo de produção e de relações sociais globalizadas. Seria necessário tirar a Amazônia do “mundo selvagem” e integrá-la ao “mundo civilizado” (BECKER, 1991, p. 12).

Modernidade se confunde com progresso tecnoeconômico. A Amazônia, se inserindo nas estruturas e na dinâmica do sistema capitalista, automaticamente entraria no “reino da civilização” e deixaria seu passado “selvagem”:

Durante os anos 60 e na década de 70, a possibilidade de articulação dos países periféricos com a economia internacional para promover a industrialização daqueles estava historicamente posta como estando condicionada à transferência de capitais internacionais para essas áreas periféricas, de recursos externos trasladados ao

país sob a forma de conglomerados econômicos que passassem a operar como capitais produtivos. (LOUREIRO, 1992, p. 64).

O choque cultural entre modernidade e Amazônia é inevitável, como se percebe no interior da comunidade do Cachoeirinha, pois o olhar do ribeirinho para o trabalho e para os bens da natureza é culturalmente enraizado e humano. Noutras frentes colonizadoras, a desestabilização do modo de vida originário destas comunidades ribeirinhas levou às influências diretas e indiretas da mentalidade e da organização humana e territorial regida globalmente pelas demandas do consumismo, do lucro econômico e dos administradores técnicos e de suas tecnologias. Ou seja, a Amazônia e seus homens necessitariam direta ou indiretamente ser incluídos nos “padrões de 1º Mundo” (GONÇALVES, 2006, p. 40-57).

Embora com toda a pressão externa, a pesca, com seu profundo entrelaçamento com o rio, o ser humano e a cultura amazônica, permanece acesa na vida dos moradores da comunidade em questão. “O valor da pesca é tudo”; “O patrão dos pescadores é o rio”; “Ele é quem dá o sustento”, através destas afirmações ditas por pescadores do local pode-se perceber que o meio de se conseguir a “sobrevivência” está, neste momento, indubitavelmente conectado com a pesca, como relata o pescador de 30 anos de idade, casado, com 01 filhos apenas, o informante 07:

Pra minha família significa muito porque eu trabalho, sustento a minha família, compro as coisas que estão faltando na casa.

O papel da pesca na história e na cultura dessa população é estabilizadora. Sustenta-se então o que Loureiro também dirá sobre o papel dos rios na vida do homem ribeirinho amazônico:

Os rios na Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. O rio é o fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a

fertilidade e carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo (LOUREIRO, 1995, p. 121).

Atualmente, apesar de muitos filhos dos pescadores estarem estudando, quando podem ou necessitam financeiramente, eles praticam a pesca, pois sabem que, no presente, é fonte direta de subsistência e, no futuro, pode se transformar em suas profissões. Percebe-se, porém, que a escola e televisão influenciam a construção de outro imaginário acerca da escolha de outra profissão e outro futuro, como ocorre e ocorreu em muitas outras comunidades amazônicas. Nestas, a chamada “cultura moderna” foi capaz de deslocar todo um “sistema imaginário”, uma “visão de mundo”, uma “identidade cultural”, fazendo a população ribeirinha, forçada e sorrateiramente, aceitar. Com o impacto do capitalismo, não mais seria a mesma a representação de mundo que tinham construído à custa de séculos de diálogo com a tradição herdada dos moradores nativos e com os mistérios da floresta amazônica, de que falavam Viveiros de Castro (*apud* BOFF, 1999a, p.139) e Ribeiro (1995, p. 316). A consequência imediata é apontada por Mitschein e outros (1989, p. 8) como “desapropriação e expulsão silenciosa” e as consequências posteriores, como se depreende do próprio título da pesquisa *Urbanização Selvagem e Proletarização Passiva: O Caso de Belém* revelam que os membros destas populações se encaixariam no contexto da sociedade moderna de forma contraditória, perdendo grande parte de suas riquezas e belezas culturais originárias. Neste sentido, a destruição das identidades culturais amazônicas iniciaria primariamente em nível localizado e teria seu desfecho final numa cultura urbana, pluralista, industrialista e consumista, como sustenta Ortiz ao analisar as transformações culturais que passou os EUA, no final do século XIX e começo do XX, provindas da urbanização e da industrialização:

Essas mudanças que se realizam na esfera econômica supõem, no entanto, uma outra, de natureza cultural. Os homens devem estar aptos a comprar os produtos fabricados. Existe, porém, resistências e hábitos que os levam a agir de outra forma (...). As mercadorias têm de ser adquiridas independentemente de seu ‘valor de uso’. A ética

do consumo privilegia sua 'inutilidade'. Há, portanto, um choque de valores (ORTIZ, 2000, p. 119).

Reforça-se, então, que no contexto da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha, todo esse processo contraditório que envolve traços culturais distintos se constata nos valores e costumes que norteiam a atividade pesqueira e o grupo familiar, tendo, em contrapartida, a influência constante do conhecimento escolar tecnicista voltado a escolha de uma profissão urbana, e os sonhos e valores de consumo veiculados pela televisão e mídias, em geral.

A pesca, intrinsecamente ligada à vida na beira do rio, permanece, portanto, consciente ou inconscientemente como um dos principais fatores de identidade dos moradores da comunidade do Cachoeirinha, identidade esta que tem suas origens históricas e geográficas no “mundo amazônico” herdado no transcorrer do dinâmico aprendizado das gerações passadas e principalmente dos grupos familiares, principais guardiões, a nosso ver, de todo esse “capital simbólico e concreto”, construído a partir desta atividade e de outras atividades¹⁵. Essa questão será vista no próximo capítulo que trata da televisão e da escola, percebendo como o chamado mundo moderno pôde abalar concepções únicas sobre esse modo de vida.

1.2 CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO FAMILIAR PARA A DINÂMICA CULTURAL DA COMUNIDADE

Diferentemente do meio urbano da cidade, com seus múltiplos espaços sociais e culturais inseridos na lógica do consumismo moderno, percebe-se que as comunidades ribeirinhas amazônicas apresentam certa clareza quanto

¹⁵ Embora a pesca atualmente seja a principal forma de sustento das famílias na comunidade, existe também o açaí, e na história da mesma existiu, a caça, entre outras atividades de subsistência.

aos seus espaços naturais, sociais e culturais, e qual o sentido que eles apresentam para suas vidas.

Consciente da existência de “seu” mundo, ou seja, construindo sua identidade a partir do “mundo amazônico”, o morador nato consegue perceber também a existência do “outro” mundo, o moderno e urbano, como sustenta Loureiro:

Dependendo do rio e da floresta para quase tudo, o caboclo usufrui destes bens, mas também os transfigura. Essa mesma dimensão transfiguradora preside as trocas e traduções simbólicas da cultura. Sob o olhar do natural a região se torna um espaço conceptual, único, místico, vago, irreptível (posto que cada parte desse espaço não é igual ao outro), próximo e distante ao mesmo tempo (...) Mesmo os conflitos gerados pela devastação crescente de sua celebrada natureza, os fatores de auratização ficam evidentes: um bem único e universal, impossível de ser recuperado, se destruído, riqueza de fauna e flora cujo desaparecimento representa perda insubstituível, acervo de vidas incalculáveis, como se ela fosse o fecundíssimo útero do universo (em pouco mais de 1ha. de floresta ainda não afetado pelo homem encontra-se mais espécie do que todos os ecossistemas da Europa juntos); presença constitutiva de valores intransferíveis e intransportáveis. (LOUREIRO, 1995, p. 59-60).

Há uma postura que ainda não é predominantemente a da “curtição”, do “descartável”, da “inutilidade”, do mero “consumo”. É como se os ribeirinhos vissem sua organização social ligada com seu sentido de vida, diferentemente da sociedade e cultura modernas, cujo desligamento gera uma constante indefinição das identidades, como aponta Giddens (1991, p. 11-60) e Hall (2006, p. 7-22), entrando nas ondas da “ética do consumo”, como analisa Ortiz (2000)

De acordo com Loureiro (1995), o ambiente amazônico não é o mesmo que o ambiente global e moderno. Resultado de um profundo, prolongado e delicado diálogo com a natureza monumental e misteriosa e da vida inter e intrafamiliar e comunitária, o nativo (considerado nas categorias índios e caboclos) cria e engloba sua identidade a partir deste diálogo vitalizador, traduzindo em narrativas mitológicas, espécies de costumes e hábitos, memórias, rituais, técnicas de trabalho, formas de organização familiar e

territorial, modos de fazer tecnologias, meios de expressão artísticos etc, mesmo com as influências externas:

O isolamento que recobria a Amazônia com o manto do mistério, distância e intemporalidade, que a impedia de intercambiar seus bens culturais, contribuiu para que se acentuasse sobre ela uma visão folclorizante e primitivista. Sendo assim, contra essa corrente de pensamento, ao tratar-se da cultura cabocla, ela será entendida como expressão da sociedade que constitui a Amazônia contemporânea à história dessa sociedade e contemporânea à Ocidental. Uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda (LOUREIRO, 1995, p. 30).

Ainda intimamente ligados ao processo de socialização-individualização de seus moradores entre si e com outros de fora, assim pode-se compreender a influência da escola, da igreja e do lazer, que será analisado no contexto da comunidade ribeirinha investigada, para melhor se compreender o papel que os grupos familiares desenvolvem neste processo.

1.2.1 Contextualizando-se entre outros espaços: escola, igreja e lazer

Como foi comentado no tópico anterior, a comunidade Margem do Rio Cachoeirinha tem raízes histórico-geográficas tipicamente ribeirinhas, direta e indiretamente ligadas às “ilhas do Pará”, e com cerca de 24 das famílias atuais, com exceção de uma, constituindo-se de parentes. Dos espaços sociais e culturais que se observa hoje na comunidade destacam-se a escola, a igreja e o lazer, cada qual com suas influências sobre a vida do morador.

Preferiu-se analisar a escola separadamente, num outro capítulo, para apreender melhor sua interferência no imaginário construtor da identidade social e pessoal das crianças e jovens da comunidade, e no que os

pais/adultos pensam de seus futuros com frente a sociedade moderna contemporânea. Por enquanto, cabe situá-la no contexto macro da comunidade, para compará-la com o grupo familiar.

Existem duas escolas: uma de nível fundamental, de madeira, e outra de nível médio, de alvenaria. A de nível fundamental é uma escola comunitária, só possuindo vínculo com o município ou o Estado quando se firmam convênios. A de nível médio também nasceu como uma organização não-governamental (ONG), necessitada de convênios com o governo, mas hoje, desde junho de 2008, foi transformada numa escola estadual. Ambas foram organizadas por moradores da própria comunidade, sendo todos os funcionários da escola de nível fundamental “voluntários”, e, no dizer de alguns destes, constituindo-se uma “luta” conseguir convênios. Logo se percebe as dificuldades de funcionamento estrutural destas escolas em termos de material didático, contratação de professores, utilização de recursos tecnológicos, construção de um Projeto Político-Pedagógico.

Muito embora haja a necessidade destas duas estruturas educacionais do mundo moderno e o enorme esforço da própria gente da comunidade de trazê-la para atender as demandas ribeirinhas (não só crianças e jovens da comunidade que estudam), percebe-se que elas estão muito ligadas à noção tecnicista e disciplinar, funcionando, como sustenta Hall (2006, p. 75), dentro do esquema de “supermercado cultural”. O conhecimento formal, técnico, voltado ao contexto urbano e moderno, predomina, impossibilitando uma maior atratividade dos moradores pelo grupo escolar, haja vista não haver o oferecimento de cursos, palestras e projetos voltados para a realidade local, ribeirinha, com suas demandas voltadas à pesca, à floresta, ao conhecimento tradicional, às raízes históricas, à medicina natural etc. De acordo com a análise feita no segundo capítulo, não se percebe uma ligação entre o “saber escolar” e o “saber tradicional”, como comenta uma moradora de 54 anos, casada, mãe de 08 filhos, nascida e criada no local, a informante 08:

Principalmente as pessoas, os jovens daqui da comunidade, são jovens que tão acostumado a viver na sua comunidade, e muitos trabalham como pescador, tirando açai. Então eles devia ter um curso

de como lhe dar na produção deles, da colheita do açai, do camarão, do pescado. Então devia ter um curso assim, que incentivasse esse jovem ficar na comunidade dele, e sendo útil pra comunidade dele, mas tendo um conhecimento pra eles puderem trabalhar junto da comunidade deles. Isso é o que a gente espera daqui mais uns anos, tenha algum curso básico, que ensine esse jovem aprenderem mais sobre aquilo que eles fazem na comunidade dele, principalmente a colheita do açai, o manejo do açai, porque tem muito jovem que não sabe como maneja um açai.

Quanto à igreja, há uma única, a Católica, que reúne os fiéis ordinariamente apenas aos domingos, às nove horas da manhã. Situa-se logo no começo da comunidade, numa das duas principais áreas de terra firme, num pedaço de terra doado pelo morador mais antigo.

Segundo a coordenadora religiosa local, de 46 anos de idade, já há mais de 10 anos à frente desta atividade, a informante 09, a influência da religiosidade católica nas comunidades ribeirinhas das bandas das ilhas do Pará¹⁶ é bastante visível, mas a estrutura da Igreja Católica somente solidificou-se na sua comunidade por volta de 2002:

A gente sempre rezou, fui criada lá no Matapi, no meio de uma família religiosa. Ai eu me casei com o F [filho do senhor Levindo] e vim pra cá morar. O seu Levindo sempre foi um homem de rezar, era muito devoto. Só que as “rezas” era mais nas casas, não tinha a capela que hoje tem, essa capela bonita. Muitas vezes a gente ia de canoa pro Elesbão, onde tinha capela. Era uma luta.

No período anterior a esse, as celebrações e orações foram feitas ao longo de vários anos na casa dos moradores do lugar, sem a estabilidade da igreja. Por isso, quando existiam dificuldades de congregação várias famílias iam de canoa até a comunidade mais próxima, o Elesbão, bairro de Santana, na foz do rio Matapi, aonde tinha capela. A partir de 1997, segundo a mesma dirigente, uma “casinha” é doada, em terra firme, servindo de capela, até que,

¹⁶ Segundo a dirigente, desde 1998, sempre no último sábado e domingo do mês de outubro, no Rio Guajará, distante cerca de 3 horas de Santana, de catraia, acontece a comemoração do Dia Nacional da Juventude da Paróquia N. S. dos Navegantes das ilhas. Já se contabilizou a existência de cerca de 100 comunidades ribeirinho-católicas presentes no evento. Neste evento inter-comunitário, o jovem do interior se identifica pela sua comunidade (Maniva, Morcego, Três Irmãos, Jaburu, Corredor, Chagas etc.).

por volta de 1999, surge, animado por um padre estrangeiro, a idéia de a comunidade construir a capela atual, que se concretizará lentamente por volta de 2002.

Este trajeto leva a considerar a existência da religiosidade popular e da religiosidade oficial, fato que caracteriza muito o modo de ver a “fé” do homem da Amazônia, muito mais encarnada à “vida concreta”, porém envolvida pelo “belo invisível”: “A convivência com o sobrenatural é um dos traços comuns da vida amazônica” (LOUREIRO, 1995, p. 208).

Isso se percebe nitidamente na comunidade por meio da festa da padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, que acontece em setembro. Manifestam-se os dois elementos na festividade: a religiosidade popular e a oficial. Vários moradores, que passam tempo sem participar das celebrações do domingo, reaparecem. Neste momento, se empenham em ajeitar o trapiche, enfeitar a capela, ornamentar os barcos com balões e fitas, colocar faixas com mensagens, em organizar o “som”, os “fogos” para a procissão fluvial, preparar a quermesse e o centro comunitário. É uma festa de um dia só, mas com uma forte imagem simbólica para comunidade, que se mobiliza por inteiro para preparar e receber os convidados (outras comunidades ribeirinhas, pessoas da cidade) para a celebração eucarística e para a quermesse. Neste momento, percebe-se, institucionalmente, em nível comunitário, o que Loureiro (1995, p.95) chama de “fraternidade universal” e “poética do imaginário”.

Percebe-se, segundo a dirigente da comunidade eclesial, que as duas principais dificuldades são a locomoção dos fiéis (já que não existem pontes e nem sempre a catraia está disponível) e o engajamento dos mesmos na vida da Igreja. A Igreja dá uma identidade religiosa sólida aos seus fiéis, por meio da celebração de casamentos, da catequese para crianças e jovens, dos momentos comemorativos (dia das mães, dia dos pais, natal, páscoa) e das novenas temporárias nas casas (natal, quaresma, campanha da fraternidade).

Sua presença é indubitavelmente de grande peso para a vida valorativa e social da comunidade. Mas, sua presença institucional é recente e está em fase de assimilação. Isso se diz, pelo fato de a dirigente, dona Graça, e mais duas ou três pessoas, praticamente carregarem nas costas os trabalhos

religiosos, juntamente com o apoio longínquo do “ministro leigo” responsável pelo culto dominical, que se desloca de Santana, mas só aos domingos. Foram feitos vários convites para os jovens (na maioria, crismados) e os adultos (boa parte, casados) assumirem tarefas tais como catequese, grupo de jovens, equipe de celebração e canto, grupo de limpeza, mas não houve comprometidos. Em termos oficiais, de engajamento, poucos firmaram seus compromissos com o grupo eclesial, não obstante encontrem formas de manifestação de sua fé, como o visto na Festa da Padroeira.



Foto: Autores

Figura 10: Comunidade reunida

E por fim quanto ao lazer, se vê que existe apenas um espaço fixo na comunidade que está destinado a esse fim, um “balneário”. Fora disso, não há nenhuma “sede dançante”, como em outras comunidades ribeirinhas, como afirma uma moradora nata do lugar, de 22 anos de idade, solteira, a informante 10:

Quase não há participação nas festas, porque na nossa comunidade dificilmente há festas. Quando tem é mais no tempo da festa da nossa Santa, daqui da comunidade, que acontece a festa, todos nós vamos lá, participamos, família toda junta, reunida, mas assim festa separada, a gente não tem quase, é muito difícil a gente fazer esses tipos de festas. O que ocorre à vezes é da gente ir passar alguma festa no interior, na casa de parente, a convite de um conhecido.

Isso restringiu, de certa forma, segundo os moradores consultados, a possibilidade de socialização dos moradores nestes momentos coletivos, mas abriu-lhes as janelas para os momentos na família (aniversários, brincadeiras

no rio, futebol, domingos com churrasco etc.) e em outros ambientes fora da comunidade, seja no interior, seja na cidade, como sustenta a moradora de 52 anos, casada, com dois filhos, a informante 11:

A gente faz muito aniversário, muita brincadeira, a gente gosta de brincar, é rapidinho pra gente arrumar uma diversão, um encontro, não demora já tá brincando. Um churrasco, um porquinho assado, tomar uma cerveja, isso a gente gosta muito ... Também os jovens, às vezes, sabem de uma banda, um cantor famoso, se arrumam, se junta uma turma e vão embora pra cidade. Eles gostam sim, da festa do interior, mas de vez quando eles vão pra Santana.

Nessa diferenciação entre festas internas e festas externas à comunidade, foi comentado que a presença ou influência do grupo familiar é sempre forte, já que esses momentos acabam por envolver geralmente jovens, que se juntam e, mediante a autorização dos pais, “arrumam o barco” e partem. Há um apreço pelas festas do interior, pelo próprio sentimento de identidade que os unem (origem, parentesco, tipo de trabalho, clima de respeito etc.), e nestas se vê também a presença dos traços familiares (muitos casais vão com seus filhos). Mas também existem ocasiões em que os jovens se juntam e se deslocam para a cidade (geralmente Santana), dormindo na casa de parentes, só retornando no dia seguinte. Estas ocasiões são limitadas pelo problema da locomoção e dos perigos da cidade, esta última justificativa, aliás, reforçante da noção de que existem dois espaços diferentes, o da cidade e o do interior

O que se observa é que a noção de lazer, de certa forma, não é a mesma do mundo moderno, pois ainda está muito ligada à idéia de responsabilidade, respeito e ao sentido saudável dos festejos, como relembra a moradora de 54 anos, informante 08:

No meu tempo ainda participava de umas festas, que era muito. Diziam “bora passar festa, que a festa é das boa” e era boa mesmo, não existia a violência que tem hoje.

Fato é quase todos os moradores entrevistados, comentando se existiam festas organizadas pela comunidade, afirmaram que existia apenas a Festa da Padroeira. Outros, principalmente os mais velhos, disseram que as festas do interior estão se tornando “arriscadas” e que, por isso, possuem cautela em participar, sentindo saudades do tempo em que estas festas eram de “família”, e que não havia o clima de confusão que há hoje, geralmente causado por pessoas que vem da “cidade”. Importante perceber como, na tentativa de explicar a desestruturação deste espaço interiorano, antes “amigo e familiar”, o morador ribeirinho aponta diretamente para as influências externas às comunidades, como relata a moradora de 35 anos de idade, casada, mãe de 06 filhos, a informante 12:

As festas do interior tem menos violência, porque você vai numa festa do interior, dificilmente uma pessoa no meio do caminho lhe quebra a cabeça, ou você é assaltado. Enquanto na da cidade, não, você corre o risco no caminho de ser assaltado, tem sempre uma briga de gangue, nós do interior tem muito medo de sair pra Santana já com receio da violência, enquanto no interior, a gente vai pra uma festa tranqüilo, que sabe que todo mundo conhece todo mundo e sempre quando sai briga nas festas do interior sempre é pessoas que vem da cidade, não querendo discriminar, mas sempre acontece isso.

Numa maneira geral, viu-se como está organizada as festas. Caberia apenas chamar a atenção para o entrosamento entre as famílias na comunidade, citando apenas outros lugares de socialização proporcionados pelo lazer, como o campo de futebol, o “tomar banho no rio”, as “conversas no trapiche”¹⁷. Percebe-se que isso possibilita às crianças e aos jovens contatos sociais diversos.

¹⁷ Esses e vários outros momentos-lugares que iremos citar permanecem na vida pessoal, familiar e comunitária dos moradores, mesmo que, como será aprofundado no próximo capítulo, convivam com outros ritmos e espaços.



Foto: Autores

Figura 11: Crianças brincando

Na análise do contexto macro socializador-individualizador da vida na comunidade, fique-se claro, a escola, a igreja e o celebrativo (festas e diversões) encontram-se, de alguma forma, envolvidos no longo e complexo processo de construção da identidade sociocultural do morador da comunidade do Cachoeirinha.

Quando se analisa os mais variados espaços sócio-ecológico-culturais existentes nas comunidades ribeirinhas amazônicas, logo se percebe que possuem traços significativos na vida dos moradores destas comunidades. São fatores de identidade e territorialidade física e cultural enraizadas e humanas que Boff chega ao ponto de afirmar:

A Amazônia é o lugar onde se revela a urgência de um desenvolvimento alternativo para toda a humanidade, que parta da centralidade ecológica e que assuma a partir daí o econômico, o político, o cultural e as demais instâncias de uma sociedade civilizada (BOFF, 1999a, p. 136).

Porto, citado por Loureiro (1995), afirmará a singularidade do olhar de mestre e aprendiz deste homem natural da Amazônia, de tudo tentando tirar lições proveitosas, experiências boas e benéficas, haja vista que:

para o homem do interior é tão importante absorver esses conhecimentos transmitidos de geração em geração e que não constam nos livros, quanto a necessidade nas cidades do homem ler, escrever, tirar cursos e diplomas (PORTO *apud* LOUREIRO, 1995, p. 127).

A existência de inúmeros fatores e condições comuns, como o rio, a floresta, o tipo de transporte, o ritmo do tempo, o isolamento entre as vilas e casas, as festividades religiosas etc., levam à criação de uma identidade com esses espaços, que se criam e enriquecem de acordo com o imaginário simbólico do ribeirinho. Daí ser comum o intercâmbio e a solidariedade entre os moradores das mais variadas localidades por meio de um “aceno” (gesto com a mão), da participação na festa da “padroeira”, no “torneio”, no bingo dançante, da lógica subsistencial do uso dos bens da natureza, da “passagem” (carona) de algum conhecido-desconhecido para o local ou perto do destino, da identificação de “intrusos” etc., criando o que Loureiro (1995, p. 99) chama de “fraternidade universal”, ou seja, a consciência de que vivem no mesmo e grandioso mundo amazônico.

De agora em diante destacar-se-á a importância do grupo familiar na filtragem e na solidificação deste processo dinâmico, que leva à construção de um modo de vida com elementos distintivos do modo de vida do contexto urbano e moderno.

1.2.2 Condições que colaboraram para a centralidade familiar

Os pontos de vistas predominantes ao longo das entrevistas com vários pais e jovens mostram que o espaço familiar é fundamental para o processo de personalização-socialização do morador nato. A partir dela, pode-se compreender o equilíbrio dinâmico social que a comunidade apresenta, levando alguns moradores a imaginar, como os de respectivamente 46 e 65 anos, informantes 09 e 13, que “é uma das mais respeitadas”, “um lugar bom para se viver”, não obstante a mesma esteja sob constantes transformações, como detectou-se com a presença da escola e da televisão.

Dois elementos podem ser logo percebidos como fatores que colaboram para esse destaque. O primeiro é o relativo isolamento entre as casas e a quase ausência de espaços sociais e culturais na comunidade. Há dificuldades de comunicação e contato físico entre os moradores da comunidade por causa da disposição geográfica da área onde estão situados. Todas as casas estão na beira do rio, praticamente em terras de várzeas, numa estreita faixa. A única forma de entrada e saída acontece por meio do trapiche, que conecta o rio com a casa. Não há, como em outras localidades, pontes que conectem as casas entre si. Isso se reflete inclusive na celebração dominical, que se chega até à capela (situada logo no começo da comunidade) apenas por meio de catraia, sendo que, muitas vezes, os fiéis que não dispõem de transporte pegam “passagem”.

Também como foi falado no tópico anterior, há uma quase ausência de espaços sociais na comunidade. Diferentemente do contexto urbano e moderno da cidade, com seus inúmeros programas e *points*, percebe-se apenas a influência da escola, da igreja e das festas-diversões. Como foi analisado, seu nível de impacto sobre a organização social da comunidade é relativamente limitado. Vistos sob a ótica de como o grupo familiar se defronta com esses espaços e momentos, observa-se que, não obstante as influências, ela permanece ainda desempenhando um papel estruturador na vida comunitária e individual.

Esse relativo isolamento inter-familiar e comunitário (entre famílias e entre comunidades ribeirinhas) veio certamente reforçar a construção da identidade cultural da comunidade, ligada ao mundo do “interior”, mas com autonomia substantiva familiar, como sustenta Loureiro, quando fala da lógica da atividade motora (a pesca) da vida pessoal e familiar estruturadora das comunidades amazônicas originárias:

Uma grande parte dos materiais que eram empregados na fabricação dos meios de produção de umas das mais antigas e importantes atividades produtivas de toda a região – a pesca – encontra-se ainda livre e disponível na natureza. Essa possibilidade garantia a este homem natural da região, a um só tempo pescador-agricultor-extrator, condições excepcionalmente favoráveis no que concerne ao exercício da atividade da pesca, buscando nos rios, furos, baías e

lagos a sobrevivência familiar e pessoal e destinando aos mercados o excedente dessa produção (LOUREIRO, 1992, p. 28).

E o segundo elemento que contribui para essa relevância do grupo familiar no seio da comunidade são as origens comuns e os laços de parentesco. No transcorrer do levantamento acerca das origens históricas e geográficas dos moradores fica o fato de grande parte provir das “bandas” das ilhas do Pará (Áfua, Breves, Chaves etc.) e pequena parte, de localidades próximas (Matapí, Mazagão), e de essa população residir há mais de duas gerações na comunidade.

Possivelmente o senhor Levindo Alves, primeiro morador, considerado por muitos, “patriarca” da comunidade e falecido em 2005 com 96 anos, teve papel fundamental nesta fase de identificação. Em todas as casas que visitou-se os moradores falaram respeitosamente do senhor Levindo Alves e de dona Joana, sua esposa, recordando como ele era “homem próximo”, “trabalhador-profissional”, profundo conhecedor das “manhas da natureza”, de uma experiência de “fé viva”, como revela a moradora de 52 anos de idade, esposa de um dos filhos deste senhor, informante 11:

A gente sente muita saudade do tempo que o seu Levindo tava ainda vivo. Todo mundo tinha um respeito muito grande por ele, uma pessoa que trabalhava dia e noite, não parava, tinha as novenas, que naquele tempo era as “rezas”, ele sempre convidava todo mundo pra fazer. Eu me lembro das histórias que ele contava, tinha uma cobra venenosa, que ninguém queria matar, e ele dizia que não devia matar, bastava soltar ela no rio que ela ia embora. Cada palmo da mata ele conhecia “bemzinho”.

Registra-se aqui, a partir desta imagem de seu Levindo, algo interessante: qual forte acabou se tornando, nas origens desta comunidade, a figura do “chefe de família”, “esteio da casa”, que é uma figura múltipla: “pai”, “professor”, “médico”, “psicólogo”, “padre”, “profissional”, “juiz”.

Na dinâmica sócio-cultural da comunidade, portanto, também está a influência de suas origens comuns e dos laços de parentesco, que dá significados ao espaço familiar. Essa relação entre as origens históricas, os costumes antigos, os rituais passados, os valores éticos e morais das gerações

anteriores e a família é tão importante que leva a um olhar sobre o processo de individualização e socialização, não mais visto apenas sobre a geração ou sobre o indivíduo atuais:

Todo indivíduo vive, de uma geração à seguinte, em uma determinada sociedade;... vive uma biografia e... vive dentro de uma seqüência histórica (...) nenhum estudo social que não se volte aos problemas da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade, completou a sua jornada intelectual. (MILLS *apud* BELLA FELDMAN, 1987, p. 39).

1.2.3 Análise de alguns traços elementares

Feito as observações geográficas e históricas, se enfatizará agora alguns elementos internos e cotidianos que perpassam as famílias e que permitem verificar o papel que esse grupo desempenha no dia-a-dia dos moradores da comunidade.

A partir dos questionamentos feitos, constata-se num primeiro momento que há uma consciência de que existem “famílias estruturadas e famílias desestruturadas”. Segundo as pessoas entrevistadas, suas famílias vivem sem “grandes conflitos”, o que as enquadra como famílias estruturadas. Na interpretação do que eles entendiam por este tipo familiar, fez-se menção a vários elementos típicos do mundo urbano e moderno, o que, em nível geral, não se encontraria nas famílias da comunidade. Pode-se perceber, portanto, que há um modelo de família influenciada por valores e hábitos tradicionais, não obstante, como vai ser analisado na parte sobre a escola e principalmente sobre a televisão, se encontre tendências e influências externas fortes que impactua sobre essa identidade familiar.

Segundo Loureiro (1995, p. 33) e Ortiz (2000, p. 72-73) uma identidade cultural só se auto afirma quando comparada com outras identidades. Isso porque cada cultura apresenta singularidades quanto ao modo de ver, sem o

qual pessoa ou grupo algum teria estabilidade interior e social para suportar e avaliar o peso das transformações.

Pode-se compreender, então, porque, muitos, ao serem perguntados sobre como era a convivência de suas famílias (se eram estruturadas ou não), responderam citando elementos críticos e externos à sua comunidade. Ou seja, há certa noção de territorialidade e historicidade, as quais os pais construíram para criar seus filhos, que obedece uma outra lógica e um outro ritmo que distinto daquele da cidade e do mundo moderno. E quais seriam esses elementos críticos? Dá para perceber que seriam “estados” de permanentes “crises”: discussões e agressões físicas entre os familiares (marido-esposa, irmãos-irmãos, filhos-pais), “bebedeiras”, “farras”, “traição”, “individualismo”, “falta de confiança”, “falta de solidariedade”, “liberdade excessiva”, “indisciplina”, “descuido” etc., como relata a moradora de 28 anos, casada, com um filho, informante 03:

Devido ser um lugar calmo, onde não há violência, pelo menos a gente não vive como na cidade, com medo, onde há drogas, bebidas, violência, então acredito que seja esses fatores da família ser estruturada, porque não há aquele movimento tão grande que tem na cidade, como “amizade” que vai pra bar e sai e volta de manhã pra casa, aqui não, aqui não tem quase isso, é um lugar calmo pra viver e formar uma família.

Segundo outra moradora do lugar, a informante 11, o habitante do interior não tem “melhor abrigo que a sua família”. Comparando com o contexto urbano, os moradores percebem que as casas são separadas umas das outras, não há praça, rua, supermercado, clube, ou outro qualquer espaço social estruturado na comunidade, a não ser o balneário, a escola e a igreja. Santana fica a 30 minutos, de catraia, mas existem dificuldades de locomoção assim como também a idéia de que “a cidade é a cidade” (tem outro ritmo, outra lógica, é problemática, apesar dos benefícios). Vila Nova fica na frente, Matapi, ao começo. Mazagão, Anauerapucu, Furo de Chagas, Maniva, Banha, Guajará, entre outras, são localidades conhecidas, mas lugares para passeios,

eventos sociais, festas religiosas etc. A categoria “casa” (pessoal, privado, íntimo) teria sentido diferente da de “rua” (social, público, objetivo).

Ortiz afirma que, na modernidade, se confundem o “local” e o “global”, o “cotidiano” e o “mundial”, já que é uma forma de o mercado capitalista massificar os seus produtos e sonhos de consumo sem ofender a consciência ética do “ser” pelo “ter”:

Isso significa que o movimento da mundialização percorre dois caminhos. O primeiro é o da desterritorialização, constituindo um tipo de espaço abstrato, racional, des-localizado. Porém, enquanto pura abstração, o espaço, categoria social por excelência, não pode existir. Para isso ele deve se “localizar”, preenchendo o vazio de sua existência com a presença de objetos mundializados. O mundo, na sua abstração, torna-se assim reconhecível (ORTIZ, 2000, p.106-107).

Em outras palavras, a face dominante do processo de modernização atual entra no cotidiano das pessoas com a chamada “ética do consumo”:

Marlboro, Euro Disney, *fast-food*, Hollywood chocolates, aviões, computadores, são traços evidentes de sua presença envolvente. Eles invadem nossas vidas, nos constroem, ou nos libertam, e fazem parte da mobília de nosso dia-a-dia. O planeta, que no início, se anunciava tão longínquo, se encarna assim em nossa existência, modificando nossos hábitos, nossos comportamentos, nossos valores (ORTIZ, 2000, p.8).

A imagem simbólica de “mundo global” invade, então, os países, os lugares mais longínquos do planeta, as comunidades mais interioranas conectadas pelos meios de comunicação de massa, as famílias Mas esse imaginário é regido pelo consumismo:

A propaganda tem a função de evangelização que anuncia as boas notícias da salvação. Pessoas ‘felizes’ e ‘bem-sucedidas’ são associadas às mercadorias (...). A fetichização da mercadoria dá origem a gestos e a atitudes que o ser humano até hoje só reservava à Divindade e a nenhuma outra criatura. (BOFF, 2005, p. 54-55).

Os grupos familiares estruturados preservariam, assim, os valores essenciais, os saberes fundamentais, os costumes insubstituíveis para uma boa convivência humana, como comenta uma moradora de 35 anos, a informante 12:

A família é a base de tudo, se você tem uma família estruturada você tem uma vida feliz, e eu acredito muito na família. Se tem um caso de droga na família, a família se reúne pra resolver, eu acho que aquela pessoa tem muita chance de sair do vício, então a família é fundamental.

Portanto, se enfatizou que a importância do grupo familiar é grande na vida da comunidade e dos moradores. Dos casais entrevistados, é significativo o tempo de formação deste grupo, uns com 26, 30, 37 e até mais de 40 anos de casados, e, outros, os mais novos, com 9, 10 e 14 anos. Comprova-se, assim, por que nas comunidades do interior, é forte a idéia de que é preciso “crescer” (ter certo nível de maturidade) para formar a sua família. É preciso ter todo um conjunto de “experiências e sabedorias de vida” para enfrentar as “batalhas” do mundo ao redor e as influências do mundo externo. Compreende-se porque há uma imagem ideal de família estruturada, como sintetiza um morador de 65 anos, o informante 13:

O melhor patrimônio que eu tenho na minha vida é a minha mulher e os meus filhos. Tem gente que dá valor pro objeto que tem, eu não, eu dou valor pra minha família, porque se eu ficar dentro da minha casa e eu chegar e a minha mulher não falar comigo, pra mim é uma tristeza, porque desde a hora que eu escolhi ela pro meu lado, é porque eu quero viver desse jeito, com harmonia, eu não sou um cara agressivo, de ficar batendo os meus filhos ou “esculhanbando”, com eles, chamo a hora certa.



Foto: Autores

Figura 12: Pai de 18 filhos

Visto o imaginário que perpassa a estabilidade social das famílias, adentra-se a vida cotidiana para verificar como acontece a convivência real. Percebe-se, então, uma rotina de tarefas domésticas que entrelaçam a casa, o trabalho e o lazer, muito restrito à realidade local e com ritmos distintos da vida moderna, como sintetiza uma moradora de 42 anos, nascida e criada no local, mas que se ausentou durante um tempo, a informante 14:

Por mais que a gente tenha televisão, DVD, celular, aqui a gente faz as coisas como vivendo no interior, tirando açaí, peixe, camarão, dependendo da maré. Às vezes a gente se reúne na beira do trapiche pra conversar. Todo mundo sabe nadar, até as crianças pequenas, a gente tem muito contato com as pessoas que vem do interior, parentes, tem festas que a gente participa, as pessoas vão pro mato tirar madeira, os jovens ajudam os pais a consertar o barco, a rede de pescar. Tem que comprar todo tempo as despesas em Santana. A gente vai pra Santana quando tem alguma coisa importante pra fazer, comprar alguma coisa, algum curso que passou na televisão. Ninguém fica parado, não.

Percebe-se, então, que a idéia que perpassa o imaginário coletivo dos moradores, de que é preciso ser uma “família estruturada, é a busca de um modo de viver dinâmico e ativo. Daí a cultura originária destas populações ribeirinhas ser de uma natureza “dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (LOUREIRO, 1995, p. 30), e de movimentarem-se “fundamentalmente no sentido de garantir a sobrevivência e a perenidade dos grupos sociais” (LOUREIRO, 1992, p. 14). Eles não estão parados no “tempo-espaço”, como qualquer sociedade e cultura, mas estão em constante diálogo e atitude com a realidade em redor e com as influências externas à comunidade. Por isso, suas ações são “ordenadas”, mas podem ser:

Melhor observadas se concebermos os atores não como robôs sem face, movimentando-se de um lado para o outro ao comando de regras estruturais, mas como manipuladores escolhendo dentro de um limite de táticas possíveis e perguntando-se não só o que devem fazer, mas também o que podem fazer (BELLA FELDMAN, 1987, p. 22).

Neste momento, porém, percebe-se mais nitidamente que também as influências do mundo moderno começam a influenciar de forma impactante, por meio da presença da escola e da televisão, como revela o morador de 32 anos, nascido e criado no local, informante 15:

O que a gente já observa é que os jovens, as crianças tão estudando mais. Ai o tempo que eles tinham pra tá no mato, tirando açaí, pescando, roçando, tão estudando, ou assistindo televisão.

Conforme vários entrevistados, a rotina começa bem cedo. A maioria dos filhos estudam pela manhã. Então, são levados à escola, por um catraieiro contratado pela prefeitura, que fica à disposição das escolas para fazer esse trabalho, que alíás, já é comum no deslocamento de alunos das áreas ribeirinhas ao redor para os pontos escolares (Matapí, Ilha de Santa Ana, Vila Nova, Anauerapucu).

Os demais não-matriculados, ou que não estudam regularmente (só vão de vez em quando), ou que já concluíram seus estudos básicos (é significativo o nível de escolaridade da comunidade) permanecem em casa. Outros moradores diariamente saem da comunidade por conta de alguma atividade formal ou informal (comércio, funcionalismo público, faculdade etc.) na cidade ou em redor. Tratar-se-á apenas como ocorre, no geral, a rotina familiar, doméstica, deixando para o próximo capítulo esse contato freqüente com a zona urbana.

Tomado o café, bebida indispensável pela manhã, segundo todos moradores, e arrumados os filhos para o estudo (quem tem, é claro), vem os

primeiros “afazeres”: “limpar a casa”, “lavar roupa”, “preparar a comida”, geralmente feito pelas mulheres, embora não rigidamente estabelecidos.

Logo cedo, também, os homens vão procurar seus afazeres: “ir pro mato tirar açai”, “ajeitar as embarcações”, “vistoriar e substituir objetos usados nas viagens” (cuba, isopor, óleo, ferramentas e utensílios diversos etc.), “consertar ou tecer redes”, “contatar pescadores para viagens”, vender produtos na cidade (peixe, camarão, açai).

Em algumas tarefas e ocasiões há a mútua colaboração de todos os membros da família, como quando se chega de uma pescaria de vários dias (para o Oceano, por exemplo) e, dividido o produto final entre os pescadores sócios, há a necessidade de ajudar no trato e na venda do peixe. Outras vezes, é quando o homem tira o açai e é a mulher que “amassa”, ou ele faz a caçada, e é ela que prepara a “bóia”.

Quanto às crianças, vivem a sua vida diária direta e indiretamente ligadas à pesca e ao mundo local: gostam de andar no mato, de estar na água, num lazer bem natural e vivido.

Percebe-se que aqueles papéis familiares - o feminino e o masculino - não são rigidamente constituídos, como se encontrou em vários grupos familiares: “os filhos também arrumam a casa” e as “filhas também ajudam na pesca”, diferentemente das famílias da cidade, cuja noção de “lar” se associou à mulher e a de “trabalho”, ao homem, desfazendo-se a possibilidade de mútua cooperação dentro do ambiente familiar em todos os aspectos. Essa observação foi colocada por diversos pais e mães e filhos, que sentem as mudanças que a comunidade vivência quanto a essa relação, como relata a moradora de 54 anos, a informante 08:

Entre nós nunca houve esse negócio de filho não ajudar, ficar só “vadiando”, se não tá estudando tem que dá uma mão nos trabalhos, porque trabalho tem muito. Às vezes são as meninas que ajudam na pesca, a tratar o peixe, a fazer o almoço, às vezes é os meninos que ajudam nas tarefas da casa, quando eles não tão trabalhando na pesca ou no mato, tirando açai. Ainda há muito essa abertura, essa ajuda.

Como se pode ver ao longo desta análise, o espaço familiar ainda exerce forte influência assim como é influenciada em todos os momentos e atividades da vida do morador, inclusive na própria pesca, analisada no tópico anterior, quando se frisou o aspecto familiar-comunitário.

Quando se buscou analisar o papel da atividade pesqueira e do espaço familiar tentou-se ligá-los, respectivamente, às suas origens históricas e geográficas amazônicas e ao específico processo de individualização e socialização proporcionado no contexto cultural amazônico. Isso porque Goldmann (1979, p. 121) afirma que o modo de produção capitalista dissociou a vida íntima (valores) do homem moderno da vida social (trabalho), numa contradição que marca a situação crítica em que se enfiou a sociedade contemporânea. As possibilidades de construção-desconstrução de uma identidade residem exatamente nesta dissociação, como sustentou Ortiz (2000, p.119) ao analisar a emergente sociedade industrial e urbanizada norte-americana. Ortiz chama a atenção, porém, para o fato de essa “nova identidade” vir fundamentada por uma “ética do consumo”.

Os moradores e as famílias da comunidade estão inseridos nesta sociedade contemporânea regida pelo consumismo cultural e analisar o nível do impacto que sofrem por meio da escola e da televisão será o objetivo do próximo e último capítulo.

2 A COMUNIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO E DA ESCOLA

Apesar do relativo isolamento geográfico e histórico, o mundo amazônida sempre esteve, desde a Colonização europeia, em contato com os elementos culturais que compõem o chamado mundo europeu e civilizado. O natural da Amazônia criou um modo de vida ímpar, cujas bases produtoras-reprodutoras materiais e cujo imaginário simbólico permaneceu inabalável, segundo Loureiro (1992, p. 11-42), até por volta de 1950. Daí em diante, a Amazônia passou a ser alvo de um “sistemático macro-processo de modernização do globo”, uma das últimas imensas fronteiras escassamente povoadas e de uma riqueza natural e biológica sem igual. Mas essa globalização do estilo de vida moderno sobre os mais variados modos de vida singulares em derredor do planeta (e em particular o da Amazônia, como a nossa comunidade estudada) vem desvelar a verdadeira natureza deste processo e o levantamento de um dilema sério nesta relação globalização e cultura.

O “mundo moderno” traz como representação imaginária a utopia do progresso e do desenvolvimento tecnoeconômico, não obstante suas profundas contradições. Fica na imaginação das pessoas e dos grupos inseridos em suas estruturas e no seu dinamismo, essa lacuna, essa necessidade, esse “sonho”, como que para exorcizar-se de um passado primitivo e não-civilizado (HORKHEIMER, 1989, p. 97-124). Isso será visualizado no âmbito cultural da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha através de duas estruturas típicas da sociedade moderna: a televisão e a escola.

Apontar-se-á agora alguns aspectos do que pensam os moradores da comunidade do Cachoeirinha sobre essas estruturas de consumo da cultura moderna, fatores de mudanças psíquicas e culturais, dirigidos

hegemonicamente pela chamada “ética do consumo”, como se verá ao adentrar-se o interior desta realidade investigada.

2.1 O IMPACTO DOS APELOS TELEVISIVOS PARA O CONSUMISMO MATERIAL E OS SONHOS E VALORES MODERNOS

Propõe-se analisar a televisão sob o enfoque do que é considerado um dos elementos-chaves do mundo moderno, como sustenta Baudrillard citado por Ortiz, atualmente uma das principais instâncias legitimadoras de padrões sociais e culturais: o consumismo material.

O consumo é uma conduta ativa e coletiva, uma imposição moral, uma instituição. Ele é todo um sistema de valores, com tudo o que esse termo implica, isto é, sua função de integração e de controle social (BAUDRILLARD *apud* ORTIZ, 2000, p. 135).

Inserida no contexto de institucionalização de uma sociedade urbano-industrial na década de 1950, onde os meios de comunicação de massa (rádio, jornal, livros) redefinem a problemática da cultura no Brasil, a televisão desempenhará um papel central na definição dos novos hábitos culturais e de consumo. Ela surge submersa neste “sistema universal de valores”, onde predomina modelos de legitimidade social baseados na ética do consumo e comandados por poderosas corporações transnacionais. Seu impacto intensivo e extensivo é debilitador. O alcance da escola, do fator religioso, dos costumes populares e do Estado-Nação, segundo Ortiz, é limitado. A questão é tão impactante que vários analistas latino-americanos chegam até mesmo a falar em “religião do mercado”, com “dogma”, “teologia”, “sacerdote”, “ritual”, “templo”, “calendário litúrgico”, “catequese”, cujo discurso e imagem veiculados pela mídia em geral:

promete felicidade, vida e sentido ao mundo, como as religiões clássicas (...). A propaganda tem a função de evangelização que anuncia as boas notícias da salvação. Pessoas 'felizes' e 'bem-sucedidas' são associadas às mercadorias (...). A fetichização da mercadoria dá origem a gestos e a atitudes que o ser humano até hoje só reservava à Divindade e a nenhuma outra criatura. (BOFF, 2005, p.54-55).

Sendo um “sistema de valores”, ou, como reforçam estudiosos latino-americanos, como Boff (2005), uma “religião”, o consumismo tem seus veículos ou meios propagadores, e todo um discurso ou pedagogia que busca contactar, seduzir e controlar. Não obstante suas outras finalidades ideológicas, percebe-se que, no contexto da comunidade analisada, a televisão, com seus apelos publicitários, exerce uma função quase exclusivamente de mero consumo, com pouca reflexão sobre o seu caráter etnocêntrico ou crítico.

Sua “presença 24 horas” no seio das famílias de uma comunidade como o Cachoeirinha, de difícil intercambiação de “convivências” entre si, tem certo impacto no imaginário, nas crenças, nos costumes, nos valores, que antigamente fundamentavam a convivência dos moradores. Os próprios filhos mais “velhos”, pais e avós sentem esse impacto no âmbito da “criação” e da “educação” das novas gerações. A própria escola e a igreja sentem também as resistências, já que sucessivas mudanças estariam desestabilizando a vida comunitária e familiar, tradicional e histórica.

A televisão representa uma “tele-visão de mundo”, a do mundo moderno, que se transforma na “voz” e na “imagem” do “progresso” e do “desenvolvimento”, e que entra na “casa” das pessoas por meio de objetos materiais fetichizados, trazendo a “civilização” e a “salvação”.

Poder-se-ia, então, dividir a história da comunidade em duas fases: o antes e o depois da televisão. Com isso, observar-se-ia mais nitidamente como as gerações passadas (dos avós e pais pioneiros) diferem, quanto ao modo de vida, das gerações presentes (pais jovens e filhos adolescentes e crianças).

A televisão, funciona como uma potente “ficha simbólica”, como afirma Giddens, “desencaixando” permanentemente as formas tradicionais e costumeiras, locais e históricas, inserindo outros hábitos e valores (modernos e globais) no interior da comunidade. Isso tudo, porém, é feito sob a imagem da “neutralidade” e da “universalidade” que tem o “mecanismo de desencaixe”:

Por fichas simbólicas, quero significar meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular (GIDDENS, 1991, p. 30).

2.1.1 O modo de vida antes da televisão 24 horas

A “vila” do Cachoeirinha, como chamam alguns moradores, nasceu como qualquer outra comunidade ribeirinha - tradicional. Estabeleceu-se um “pai/mãe” (casal, neste caso) ou uns “pais” pioneiros provindos também do “interior”, conhecedores das tradições e dos costumes das gerações passadas quanto à vivência harmoniosa em grupo familiar e comunitário e quanto à convivência respeitosa e afetiva com o universo das florestas e dos rios, como sustenta Loureiro (1995). O senhor Levindo Alves representa o típico pioneiro ribeirinho, fundador de toda uma história, “fundador de civilização”, no dizer de Boff (1999b, p. 135), que trazia na bagagem toda uma “experiência de vida”, considerado pela comunidade como seu patriarca, o qual é homenageado coletiva e afetivamente pelos filhos e parentes com o nome da Escola Estadual Levindo Alves, presente no interior da referida comunidade.

Interessante é perceber o modo como nasceu a comunidade do Cachoeirinha, já que o nascimento de um agrupamento humano obedece a uma visão de mundo (anseios, sonhos, projetos, recursos, investimentos etc.) que marcará simbólica e estruturalmente as relações humanas e humano-

ecológicas. Isso reflete inclusive a preocupação de diversos cientistas e pesquisadores com relação ao mundo moderno como fruto de um processo constante e profundo de desestabilização da vida pessoal e social, regido pelo “efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional”, cujas referências (ou raízes) ecológicas, culturais e históricas são quase nulas:

A cultura mantém a identidade humana naquilo que tem de mais específico; as culturas mantêm as identidades sociais naquilo que tem de mais específico. As culturas são aparentemente fechadas em si mesmo para salvaguardar sua identidade singular. Mas, na realidade, são também abertas: integram nelas não somente os saberes e técnicas, mas também ideais, costumes, alimentos, indivíduos vindo de fora. As assimilações de uma cultura a outra são enriquecedoras. Verificam-se também mestiçagens culturais bem-sucedidas, como as que produziram o flamenco, a música da América Latina, o raí [música popular moderna da Argélia]. Ao contrário, a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros (MORIN, 2000, p. 57).

O ambiente sócio-cultural no qual teve origem o Cachoeirinha é diferente da noção de “espaço-tempo” moderno, do qual fala Giddens (1991, p. 11-60).

Falou-se anteriormente, em linhas gerais, sobre a pesca e a família hoje. Vários elementos característicos da comunidade não foram possíveis pesquisar e aprofundar, dados os limites do trabalho. Neste tópico sobre a televisão, acenar-se-á para vários costumes e tradições que estão se enfraquecendo, principalmente após a chegada da televisão 24 horas.

A questão do “ritmo” é muito significativa. É unanimidade entre os moradores que antes era “outro tempo”, que “passou o que era doce”, que “muita coisa mudou”, que “antes era mais calmo”.

Percebe-se que essa questão do tempo está muito ligada à tradição e aos costumes que os antigos aprenderam e ensinaram, à identidade estável e clara que tinha a vida familiar e comunitária das gerações passadas. Como relatou uma moradora de 42 anos, casada, mãe de 03 filhos, a informante 14: “Antes, os pais, bastavam falar só uma vez ou só um olhar e a gente já conseguia entender a mensagem”.

Retoma-se aqui a questão levantada por Giddens quando fala dos tempos não-modernos ou da tradição:

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela “presença” - por atividades localizadas (GIDDENS, 1991, p. 27).

Para os antigos ribeirinhos inexistia a idéia de “perda de tempo”, quase sempre ligada à ociosidade e à vagabundagem. O tempo tem uma “utilidade”, tem um valor, que não deve ser desperdiçado com qualquer coisa ou com futilidades. Ortiz, falando da função do “tempo” no seio de uma comunidade seja ela local, regional, nacional ou mesmo internacional, dirá que “comunidade e memória estão entrelaçados”, cujo objetivo primeiro e último é “lutar contra o esquecimento” (ORTIZ, 2000, p. 137). Ou seja, “esquecer significa confirmar determinadas lembranças, apagando o rastro de outras, mais incômodas e menos consensuais” (Idem, p. 139).

Pelas próprias condições de sobrevivência material da maioria das famílias ribeirinhas, derivadas de uma forma de trabalho que não mede esforço e de uma mata rica, mas arriscada, ficou no pensamento de muitos pais e avós a descoberta dos ensinamentos tradicionais e dos valores (suas memórias) que partem da essência humana e do “seu” mundo ribeirinho-amazônida (sua comunidade).

Existe uma consciência pessoal e coletiva de que a vida e a história têm um significado profundo, que não se pode viver ou ser criado de qualquer jeito. Mais do que a existência da idéia estática de “inutilidade” presente na sociedade do consumismo, existe a idéia de que todas as coisas pensadas e realizadas devem ter um “significado”. As noções de “criação” e “mal-criado” revelam muito bem o espírito que impulsionou muitos pais a “educar” seus filhos, como comenta a moradora de 42 anos, casada, natural do interior, mãe de 04 filhos, informante 16::

Meus filhos foram criados assim: na época que eles estudavam na Ilha de Santa Ana, tiravam o açaí de manhã, aí quando dava 10 e pouco, eles chegavam para ir pra escola de 11 e meia (...) Na criação dos meus filhos, eu nunca gostei muito deles tarem brincando, deles tarem com esse negócio de papagaio; eu criei meus filhos muito diferente (...) Dos meus filhos, eu tenho um de 20 anos, outro com 22, outra com 17, mas eu criei eles muito fora da brincadeira (...) até mesmo em festa pra eles irem foi difícil (...) A criação que, nós, pois, demo foi muito boa, porque eles respeitam bem a gente (...) Desde 16 anos, eles já tiveram responsabilidades.

A questão não está em não ter tempo para o “lazer”, mas em “saber” aproveitá-lo. Na realidade, a noção de “lazer” (sinônimo de diversão) é uma invenção do mundo moderno, cujo tempo capitalista é dividido em jornadas, basicamente as de produção e as de consumo. Daí o caráter “fútil” e “hostil” do “passatempo moderno” para a geração passada.

No mundo originário da comunidade até brincando se aprendia. Eram brincadeiras saudáveis, que incentivavam a criançada a pensar no que seriam quando crescessem, e a dialogar com a realidade ao redor. Uma moradora de 30 anos, solteira, com um filho, natural da região, informante 17, relatou como era mais ou menos esse tempo:

A maioria das crianças fazia brincadeiras no terreiro. Geralmente os terreiros eram assim, limpos, (...) Se juntava eu as minhas primas. Ou eu ia para casa delas ou elas vinham pra cá pra casa. A gente “fazia” umas espécies de “casinhas” e lá a gente passava a semana toda brincando (...) Quando ganhava uma “bonequinha” fazia a questão de “comidinha”, cortava “folhas” e dizia que era comida. “Vasilhas” que os pais não queriam, a gente ia catando pra trazer pra casa pra tentar “inventar” alguma coisa na “imaginação” da gente que era aquilo. Eu lembro que a gente pegava essas folhas que chamam de mururé, a gente pensava que era um “peixe”, fazia um “assado” e “todo mundo” comia na casa de brincadeira.

Com esse exemplo, para começar, se vê que não é o tempo que governa o homem, mas o homem que governa o tempo. “Quando” equivale a “onde”, como sustenta Giddens (1991, p. 25-29), quando fala das culturas tradicionais. A ausência de algo é o mesmo que a ausência de alguém. A presença de algo é o mesmo que a presença de alguém. Nada é mudo, inerte,

sem vida. Nada acontece por acaso ou sem propósito. Tudo pode ser carregado de sentido e significado.

O modo de vida destes tempos do começo tem seu forte na tradição-memória, mas a memória-tradição não é estática, ela é viva e dinamizadora de sentidos:

falar em cultura como tradição sem falar em memória é não tocar no nervo do assunto. A memória é o centro da tradição, é o pressuposto da cultura, no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História. (BOSI *apud* ORG., 1997, p. 53).

Vários “momentos-atividades” ativam essa “presença-memória”, esse “estar juntos”, esse “reviver”. Destacam-se os momentos, em certo sentido ritualístico, das conversas em família, das brincadeiras infantis e das novas uniões conjugal-familiares.

É sentido, entre aqueles que vivenciaram, o tempo em que havia mais conversa, diálogo, contato entre os membros da família e os parentes. Não havia eletricidade permanente, nem escolas, nem as tecnologias eletrônicas modernas para distrair (televisão, aparelho de som, celular, DVD etc.). Essa lacuna, então, era preenchida pela presença humana e pelas aventuras do universo amazônico, que de tudo tiravam lições morais, situações divertidas, mitos e histórias, informações, explicações técnicas etc.

Nesse sentido, pode-se compreender por que os mais velhos (pais e avós) e os mais novos (crianças e jovens) gostavam desse momento de reunião e encontro, geralmente ocorrido à brisa do trapiche ou no pequeno pátio na frente da casa, pelo começo da noite. A janta ocorria no fim da tarde. Todos tomavam a refeição conjuntamente, ponto de partida para uma boa conversa. Ortiz comentando a extrema importância estabilizadora e fraterna das famílias por essa instituição, a refeição, dirá: “ela representa um dos pilares do grupo familiar, a partilha da mesma mesa, assegurando uma unidade à vida doméstica (...). O costume preserva a coesão de seus membros” (ORTIZ, 2000, p. 83).



Foto: Autores

Figura 13: Almoço tradicional

Além das refeições e das horas na frente da casa ou no trapiche, vários outros momentos-attitudes desempenham o mesmo papel socializador e individualizador. Os pais e avós, na qualidade de hábeis e competentes educadores, intuem sua importância. Por isso, no transcorrer de uma pesca ou tapagem de igarapé, do ato de tirar ou “amassar” o açaí, do trabalho de plantar, roçar ou caçar, fazem questão de relembrar acontecimentos ou fatos que fazem parte da “memória coletiva” dos antepassados, da família, dos parentes ou da comunidade.

O mundo daquela gente era um mundo singular, autônomo, por mais que tivessem em contato com o mundo urbano e da cidade. Pessoas que se conheciam pelo nome, apelido, ou função, que entrelaçavam seu passado-presente-futuro na direção de um rumo construído dia após dia, ocupando-se mais que se preocupando, intuindo mais que instrumentalizando, enfim, dialogando respeitosamente com um “Ser” que se manifesta, mas que se oculta.

Alguns momentos tornam-se mais fortes, como a parte da noite, como já comentado. A luz era de lamparina. Eletricidade inexistia, só vindo muito recentemente, primeiro com um motor particular de cada família e, depois, com um motor comunitário, ambos ligados das seis da tarde às vinte e duas (isso até 2002, quando se implanta a energia 24 horas). A casa, pequena, geralmente um quarto, uma cozinha, uma salinha. Uma moradora de 28 anos, há 28 anos morando na comunidade, a informante 03, informa como era sua casa de antigamente, hoje uma das de maior destaque na comunidade:

Eu me lembro da nossa primeira casa, era o que hoje a gente chama de cabana, coberta de palha. O esteio de cima era o tronco de uma árvore inteira, que dividia. Um quarto pequeno, uma cozinha muito pequena, uma salinha, tudo apertadinho. Mas a gente tinha o contato maior. Hoje, não, a gente tem uma casa (...). O espaço cresceu e o contato vai ficando mais difícil. Quando a casa era pequena, o papai chegava e já olhava lá na porta do quarto, quando botava os filhos pra dormir ou se levantar.



Foto: Autores

Figura 14: Residência inovadora

A convivência era mais íntima, próxima, entre pais e filhos. O ato de dialogar (ou conversar) tem o poder de cruzar dois mundos diferentes: o “outro” e o “eu”. Encontram-se no interior da comunicação a transparência (humildade, verdade, sinceridade, franqueza, abertura fraterna e amiga) e as máscaras (mentiras, desconfianças, jogos de interesses e dominação). Mesmo assim, para os antigos ribeirinhos havia a superação natural desta dicotomia. Eles não ficavam paralisados no racionalismo nem no individualismo, típicos do homem moderno.

Quando chegava 7 ou 8 horas da noite, espontaneamente, tinha início uma conversa acessa. Os temas das conversas eram de categorias diversas, como foi citado, tirados do contexto amazônico do qual estavam envolvidos: lições morais, situações divertidas, mitos e histórias, informações e relatos, explicações técnicas etc. Uma das moradoras, a informante 17, conta um pouco como era:

A gente tava conversando no “trapiche” o que tinha “acontecido” (fatos) durante o dia, as “histórias” que o “papai” (os mais experientes) falava sobre as “visagens”, o acontecimento que o pai

dele contava pra ele que tinha acontecido lá onde ele morava, a “cobra-grande”. Eu lembro que o papai contou que o meu “avô” encarou uma “onça” quando tava cortando “seringueira” (contexto local), quando ele olhou a onça tava atrás dele, e se agarrou com a onça e matou (a “coragem” do velho). Era esses tipos de conversa.

O interessante é que os mais novos ficavam só escutando, enquanto os mais velhos falavam, sem questionar de forma cética ou criticista, numa atitude de receptividade. Não era uma palavra imposta, mas reflexiva e encaminhadora para a verdade da vida. A existência é um enorme e profundo mistério. Por isso, fala-se mais com as experiências de vida do que com um conjunto de preceitos doutrinários e dogmáticos. Os pais eram os “sábios” e “doutores”. No fundo, a tradição era vivida atualizadamente, sem a qual os “pais-sábios” e “avós-mestres” não poderiam fazer referências ou fazer experiências. A confiança e a verdade nascem desta condição. Por isso, a atitude de escuta ativa, o gosto pelas conversas dos adultos e dos mais velhos, a beleza das narrativas, que era a quase visualização daquilo que se fala.

Loureiro fala que o homem nativo da Amazônia sabiamente direciona sua imaginação para a criatividade e a beleza da vida, que o aparente carrega o essencial, que a emotividade transborda de sua imaginação e atitudes:

Consideramos que as criações do espírito do homem caboclo, na organização de seu espaço ideal, ainda constituem criações governadas pela função fantástica e que essa função se configura estetizadora. Todavia, tal não ocorre desligada de uma prática (LOUREIRO, 1995, p. 120).

A suposição moderna de que no mundo tradicional, dominado pela “solidariedade orgânica”, inexistem a pessoa e a liberdade, neste sentido, são corroboradas pela existência das conversas em família e também por outros costumes de origem da comunidade do Cachoeirinha. O ritmo das mudanças e as transformações são lentos não porque há uma paralisia mental ou coercitiva (estado de infantilidade), mas porque o “ser” e a “existência” exige um tempo para estabilizar o mundo (tradição) de valores (ética), sem o qual nenhuma pessoa ou grupo humano pode continuar a existir e assim dialogar com outras

identidades e valores. Os ribeirinhos daquela época já intuía a importância de “rituais” e de “instituições” concretas para o desenvolvimento saudável da psiquê humana, do grupo familiar e da vida comunitária, como conta uma moradora de 46 anos, casada, com 05 filhos, natural da região, a informante 09, ao falar dos jovens:

Quando não tinha televisão os jovens se reuniam mais, principalmente com a família. Se reuniam mais pra conversar com os pais. E hoje em dia, a televisão tirou toda essa “liberdade” (= conversa aberta, diálogo), que os pais tinham com os filhos.

Poder-se-ia continuar falando sobre os mais variados aspectos relacionados direta e indiretamente a esse costume dos encontros familiares: afetivo, pedagógico, religioso, artístico, moral, comunitário etc, haja visto que, inexistindo escola, igreja, ruas, praças, supermercados, clubes, televisão, entre outras estruturas socioculturais, acabava-se por tornarem-se os momentos privilegiados vivenciados por esses moradores antigos. Aqui reforça-se ainda mais os laços que os unem, de tal modo que a família torna-se o grupo fundamental de socialização e individualização, como apontado no capítulo primeiro. Um morador de 49 anos, filho do senhor Levindo Alves, o informante 01, fala que: “antes era mais “controlado” a convivência dos pais com os filhos, tinha mais contato, laços mais fortes”.

Sendo complexo demais esse foco cultural, preferiu-se entrar no próximo, intimamente ligado a ele: o das brincadeiras infantis. Pode-se perceber que elas estão muito ligadas à “criação” dada pelos pais. Pegando a fala de uma moradora-mãe supracitada, de que seus filhos “tiravam açai” de manhã e “estudavam” de tarde, vemos que existe uma criação voltada para a “vida real”. Essa vida é tão real que o próprio “lixo” se transforma num valor, dadas as condições difíceis para consumir os afamados brinquedos modernos (vídeo-game, celular, bonecas de plástico, carro com controle-remoto, DVD’s, CD’s etc.). Até a natureza entra na “ciranda da vida”, quando se finge comer um assado com a folha do mururé ou quando se fazem comidinhas com frutas da região (açai, manga, pupunha etc.).

O contexto ou ambiente de florestas e rios no qual são criados os filhos é fator preponderante para que fique no imaginário coletivo que as próprias brincadeiras devem ter um sentido “saudável”, “moral” e “valorativo”. A atitude corriqueira e banalizada pela diversão moderna de “tomar banho no rio” é significativa, como nos conta a moradora de 28 anos, informante 03:

Para ti ter uma idéia, até pra tomar banho no rio tinha que “pedir permissão” e “adular” para ver se o pai deixava. E hoje em dia, não, moleque vai hora que quer, e volta. Às vezes, ele dá um grito com os moleques, quando tá exagerando. Mas isso era muito mais rígido. Não se vê mais!

A “casa” tem um sentido próprio, mas está sempre conectada com a realidade em redor. Cada criança, adolescente e jovem tem sua família, mas não permanece fechada entre quatro paredes, como no contexto urbano. Há um sentido humano-comunitário-ecológico. As brincadeiras partem dos rios, da mata, dos terreiros. O contato com o “humano” e a “terra” é a base dos encontros de diversão, como relembra a jovem de 22 anos, universitária, informante 10:

Eu lembro que a gente era bem humilde, as brincadeiras eram mais saudáveis (...). O meu avô tinha uma roça e todas as crianças encontravam-se no sítio do meu avô. Então era lá que a gente brincava. Quando veio a eletricidade permanente, muitos já começaram cada um nas suas casas. Já não havia mais esse encontro. Um já não ia mais na casa do outro, pegava a canoa e já não ia remando pro sítio do meu avô.

Importante considerar que esse mundo do qual os filhos estão envolvidos, também envolveu os pais e envolveu os pais dos pais (avós). Existe toda uma história das brincadeiras. Esse mundo é real, mas também imaginal. Ele é fascinante, mas também misterioso.

As duas atividades de trabalho que marcaram tradicionalmente a sociedade amazônica, pode-se retomar esse tema para efeito

demonstrativo, são a pesca e o extrativismo agrícola. Tanto o pescador como o agricultor propendem à contemplatividade e ao devaneio, seja pelas longas e pacientes jornadas de trabalho, seja pelas contingências da vida ribeirinha. Há um mundo a perder de vista à sua frente, envolvendo-o com uma natureza da qual devem ser extraídas não só a subsistência, como a explicação de tudo: desde os pequenos acidentes da cada dia, até as verdades eternas como a explicação dos começos de tudo. O devaneio contemplativo sempre foi a linha inconsútil que ligou o caboclo amazônico do barranco – à beira do rio – às estrelas. Uma espécie de cordão umbilical ligando seu ser imaginal e o grande útero cósmico do universo (LOUREIRO, 1995, p. 194-195).

Isso se vê, então, desde a fase da infância. A criança é levada dialogar e a conhecer o real e a recriar em sua imaginação coisas que a ajudam a crescer e amadurecer, sem deixar de ser criança. Por isso, constroem “barquinhos de miriti”, fazem peixes assados de folhas do mato, arquitetam “casinhas” de palhas e estacas de certas árvores, assumem funções de pescadores e donas de casa, reservam um sítio para os encontros e tantas outras novidades que nascem espontaneamente da imaginação. Para cada brincadeira, existe um significado profundo, para cada diversão, um sentido vital, para cada sorriso, uma razão infinita. A vida é festa e diversão, mas a diversão e a festa é vida...!

Pode-se discorrer acerca deste lado lúdico-festivo nos adolescentes e jovens, mas já acenou-se anteriormente, no tópico sobre a família, encontrando ressonâncias semelhantes, com as devidas instabilidades atuais. “Passar festa” tinha que ser no “interior”, com todo aquele ritual de respeito e clima familiar.

Toda essa criação e educação que era dada aos filhos tinha uma finalidade muito prática e sensata: preparar os filhos para a “vida”. Pode-se perceber que a dimensão humana do “cuidado” se faz presente em todas as criações de que vive e respira o ribeirinho, haja visto que:

Este modo de ser-no-mundo, na forma de cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente conta. Não do valor utilitarista, só para o seu uso, mas valor intrínseco às coisas. A partir desse valor substantivo emerge a dimensão da alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade (...). Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-la dentro, acolhe-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão analítico-

instrumental abre caminho para a razão cordial, o *esprit de finesse*, o espírito de delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo *logos* razão, mas pelo *pathos* sentimento (BOFF, 1999b, p. 96).

Essa vida chegava para valer, portanto, quando se atingia a “maturidade”, isto é, quando o adolescente-jovem começava a experiência do “namoro”. Numa realidade como a desta comunidade ribeirinha, onde as casas são dispersas uma das outras, interligadas apenas por trapiche e canoas, onde inexistem internamente espaços de socialização, onde as condições de subsistência exigem esforços de todos os membros da família, com florestas e rios ocultando mil segredos, a questão da racionalidade afetiva desempenha importante fator para a estabilidade da vida familiar e comunitária.

Torna-se natural, então, que as uniões conjugais e a formação de novas famílias aconteçam com pouco tempo de namoro. Isso já revela que a noção de “namoro” dos antigos moradores é muito diferente da noção moderna. O namoro era a etapa inicial de um possível compromisso matrimonial e familiar. Um olhar aqui, uma palavra ali, uma visita na casa dos pais, uma “paquera” na festa. Não se aproximava do outro por “curtição”, mas por uma experiência amadurecedora e respeitosa. Os corações e os sentimentos alheios eram tão visíveis e sensíveis que criava um respeito, uma transparência e uma confiança mútua, não obstante a instabilidade das relações amorosas. Inseridos no contexto da tradição e de uma família estruturada, esse respeito e essa confiança na doença e na saúde, na tristeza e na alegria, na fartura e na escassez, fazia os responsáveis pela criação (pais e avós) se despreocuparem quando os filhos (homem e mulher) resolviam formar sua família, como conta a informante 17:

Da época da minha infância, observando meu pai e minha mãe, mudou muito. Por exemplo, eles já se “juntaram”. Ela, bem nova, tinha 15 anos (15 anos!) foram “morar juntos”. Depois é que casaram na Igreja. Mas foi uma responsabilidade. E a maioria dos meus tios, dos irmãos do papai, que habitaram aqui primeiro, todos ainda estão com a mulher que escolheram, que é a mãe dos seus filhos. A gente não vê um caso de “separação”. Agora, de neto em diante, a gente já vê casos de separação aqui na Comunidade. Uns que já tiveram três, quatro mulheres. A gente já vê muito. Mulheres que já tiveram dois,

três maridos. E eles, não (os pais fundadores da comunidade). Continuam casados com as mesmas mulheres que escolheram lá do “início” para construir família. Coisa que a gente não vê mais nos netos, nos filhos.

Não existe, entre esses primeiros moradores, a lógica do “ficar” e do “zoar”, típica das culturas jovens atuais, espalhadas pelas sociedades modernas fundadas sobre o consumismo descartável. (ALMEIDA E EUGÊNIO, 2006, p.139-157). Mais do que uma “lógica”, existe uma “dialógica” nesses relacionamentos, da qual se comentou ao se analisar as conversas. Mais do que uma “dialógica racionalista” existe uma “dialógica afetiva”, da qual nasce um processo de subjetividade profunda e transparente (identidade e identificação), que liberta do trato das pessoas como coisas, objetos, mercadorias, isto é, da maneira de pensar e de viver que só tem valor a partir do “ter”, para apreender o que as pessoas são, ou seja, a dialógica do “ser”. É o que é lembrado por Boff como espírito de gentileza, base da “ternura vital”, presente no modo-de-ser cuidado: “Do *espírit* de finura nasce o mundo das excelências, das grandes significações, dos valores e dos compromissos para os quais vale a pena despender energias e tempo” (BOFF, 1999b, p. 119).

Loureiro fala da dimensão “poética” que preside as relações humanas e humano-ecológicas no universo amazônico-ribeirinho. A “poética” nasce do coração e o coração é único, irreptível, cheio de mistérios e encantos, que pode palpitar em cada coisa, em cada pedra, em cada estrela, em cada pessoa. O coração é um mundo invisível, mas aberto, que pode e deve ser percorrido na busca do “ser ideal”. Essa criação poética, no dizer do autor, é o que constitui a base da cultura de um povo:

Ela permite que se compreenda, por exemplo, no vasto campo da história das culturas ou das tradições culturais, aquilo que pode constituir neles a característica fundamental, aquilo capaz de revelar o que é original e importante, nos diversos períodos da história de uma sociedade e no corpo significante de sua história (...). É como entender a cultura sendo um processo de aperfeiçoamento, a “perfeição da alma”, para lembrar Georges Simmel, nas reflexões de A crise da cultura, em sua Filosofia da modernidade (LOUREIRO, 1995, p. 52-53).

Não são poucos os casos citados de famílias constituídas por homens-mulheres muito jovens (até de 14 anos em diante), mas com uma consciência bastante amadurecida do que isso acarretaria em primeira instância. Para as mulheres, ser “dona do lar”. Para os homens, ser “hábil trabalhador”¹⁸.

Os papéis familiares, no entanto, não permanecem rígidos e absolutizados, podendo homem-mulher, marido-esposa, se ajudarem mutuamente em seus trabalhos. A “criação” pertence a toda a família, inclusive aos filhos mais “velhos”, que cuidam dos irmãos menores. Por isso, não há “descuido”, “descaso”, “abandono” de ninguém. Todos são importantes, todos tem um valor inimaginável e imaterial.

Esse sentimento afetivo e íntimo que preside as relações familiares é tão forte, que ultrapassa os espaços das casas e entra no âmbito comunitário e dos seres da criação. Todos intuem as necessidades e as capacidades dos outros. Nada é mudo ou inerte. Tudo pertence a todos. Por isso, ninguém se preocupa ou ambiciona acumular riquezas, construir domínios, demarcar territórios, centralizar poderes, mas em ter o mínimo necessário para a subsistência e para a reprodução do grupo familiar. Retira-se das florestas e dos rios o mínimo, para que não falte a ninguém ou destrua o delicado equilíbrio comunitário e natural. Isso revela que:

Há relação manifesta ou subterrânea entre o psiquismo, a afetividade, a magia, o mito, a religião (...) no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mágico ou poético. (MORIN, 2000, p.59)

Os novos pais, portanto, tem uma tarefa árdua a executar, um mundo complexo a descobrir, uma obrigação ou dever quase sacerdotal a assumir quando resolvem constituir família.

¹⁸ Seria impróprio reduzir essas mulheres e esses homens recém crescidos no quadro funcional conservador moderno de “dona de casa” e “árduo trabalhador”. Dentro do universo originário da comunidade estudada essas noções são carregadas de muitas significações, como “conselheiros”, “cozinheiros”, “zeladores do quintal”, “criadores de animais”, “hortaleiros” etc.

2.1.2 O modo de vida depois da televisão 24 horas

Retomou-se anteriormente alguns aspectos do modo de vida originário dos moradores da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha, não vistos na parte sobre a pesca e a família. Como se viu é outro tempo e outro mundo.

O que mais fica significativo, de acordo com as falas de vários jovens e adultos, é que tudo isso começou a ser transformado muito recentemente com, entre outros fatores, o advento do mundo da escola e da televisão. Considera-se esses dois com destaque por estarem mais diretamente ligados ao imaginário do homem moderno “civilizado” e “avançado”, e às transformações porque passam as sociedades modernas.

Até no tempo em que a eletricidade era a motor, ligado das 18 às 22 horas, com o impacto dos circuitos das tecnologias eletrônicas (vídeo-game, celulares, computadores, DVD's, aparelhos de som etc.), o destaque para a televisão era menor. A implantação da eletricidade 24 horas, segundo Ortiz, articula a comunidade definitivamente no “circuito de trocas culturais com dimensões mundiais, circuito que irá se expandir e se fortalecer com o rádio e televisão”, sendo a “circulação” o “princípio estruturante da modernidade (...) a materialidade dos meios de comunicação permite interligar as partes desta totalidade em expansão” (ORTIZ, 2000, p.57-58). Ou seja, os meios técnicos, informacionais e tecnológicos são fundamentais na organização da sociedade moderna, pois “não são apenas uma técnica para se obter um produto ou atingir um objetivo qualquer, mas um ‘processo – orientado’ que afeta diferentes esferas de atividades” (ORTIZ, 2000, p. 61).

Antes, na comunidade do Cachoeirinha, o ritmo era a voz natural e o olhar interior para a mata e os rios. Em termos tecnológicos, no máximo, permanecia ligado um “radinho de pilha”, como afirma uma moradora de 26 anos, casada, mãe de 03 filhos, natural de área ribeirinha, a informante 18, lembrando da outra “aura”, do outro “clima”, que predominava:

Quando não tinha televisão, a gente ficava com outras ocupações... Geralmente o "R" (marido dela) consertava a rede, "entralhava"; nesta época a gente tinha só um menino de 6 anos. Eu ficava com ele, entralhava a rede aqui, na casa do irmão dele. A gente ligava o rádio de pilha. Almoçava. Era assim que a gente ficava até "chegar" a energia. Quando chegava era uma "alegria", ia ligar a televisão, o freezer (quem tinha). A gente usava uma cuba com gelo, a gente não usava geladeira, freezer. Era bem silêncio e quando "veio" a energia, não, porque tem aquela "força".

Com a "chegada" (como de uma pessoa esperada, daí a "alegria") da energia 24 horas, vários costumes que fundamentavam a existência da comunidade do Cachoeirinha começaram a ser enfraquecidos ou a se perder. Veículo principal, a televisão abre bem no seio das famílias as portas para outro mundo, outra dimensão até então não vista de suas existências: o moderno. Pais e filhos, esposas e maridos, todos se sentem envolvidos por essa "presença" nova na dinâmica da comunidade. Por isso, uma moradora de 42 anos, estudante universitária, a informante 15, não hesita em afirmar: "Com a mídia geralmente chega o progresso pro local". Mas, indagada que tipo de desenvolvimento seria esse, ela responde:

Desenvolvimento que na verdade o nosso ainda não foi tão desenvolvido... a julgar pela energia elétrica ... foi mais desenvolvida a nossa comunidade, passamos a ter comércio, escola ... a gente espera que desenvolva mais, que futuramente tenha posto de saúde, água encanada ... e a mídia de qualquer maneira influência neste desenvolvimento.

A televisão representa a utopia do progresso tecnoeconômico moderno. Esse progresso que, ao nosso ver, por enquanto, se encarna na existência das pessoas por meio da escola e principalmente dos sonhos de consumo. O impacto que isso tem sobre o modo de vida tradicional da comunidade é etnocentricamente avassalador, que impede qualquer reflexão crítica dos elementos negativos ou qualquer reflexão dialógica dos elementos positivos da cultura moderna.

Neste contexto moderno, toda a riqueza da tradição, dos costumes, dos hábitos passados é rebaixada à condição de folclore e primitividade,

profanando as motivações profundas que animaram sua construção, ou simplesmente são destruídos por causa do ataque feroz das novas crenças e comportamentos derivados da ética do consumo. É desencaixado todo um universo simbólico e real, uma cultura única, um modo de vida singular. O modo de vida capitalista se insere no meio da comunidade via a “ética do consumo”, profanando o caráter sacro das coisas e das pessoas, querendo transformá-las em objetos e mercadorias fetichizadas (STALLYBRASS, 2004, p. 53-54).

Chama-se a atenção, então, para os mesmos elementos citados anteriormente, que consideram-se agora deslocados de seu contexto original: os encontros em família, as brincadeiras infantis e os novos relacionamentos afetivo-conjugais.

A presença da televisão 24 horas trouxe mudanças profundas na subjetividade e na sociabilidade das pessoas. Antes se sentiam mais próximas, o contato era maior, o relacionamento mais íntimo, os pais tinham o “governo” da família e os filhos confiavam (e se abriam) mais nos pais e nos mais velhos. A criação era outra, como relembra a moradora de 42 anos, mãe de 04 filhos, dirigente da escola de nível fundamental, informante 16:

Antes os pais bastavam falar só uma vez ou só um olhar e a gente já conseguia entender a mensagem. Hoje a gente morre falando e o jovem continua no mesmo lugar. Não se tem mais aquele respeito que se tinha antigamente com os pais ou com os adultos. Os jovens hoje não querem respeitar ninguém. A gente observa que eles são muito influenciados por conta de muitos programas que eles vêem. A gente observa que nestes programas de televisão ninguém respeita ninguém. Ninguém respeita os pais.

Como foi comentado anteriormente, a conversa amiga e sincera tem, em sua essência, o poder de cruzar dois mundos diferentes, o “eu” e o “tu”. São dois olhos que se cruzam, duas faces que se envolvem e relacionam. Não pode haver anonimato ou impessoalidade. Os olhos e as faces são únicos, irrepitíveis. Representam não uma parte do corpo, mas o corpo todo, uma

peessoa inteira, um ser humano, com um nome, uma família, uma história, uma identidade:

O eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu (...). Mas o tu não é qualquer coisa indefinida. É concretamente um rosto com olhar e fisionomia. O rosto do outro torna impossível a indiferença (...) Nasce assim a res-ponsa-bilidade, a obrigatoriedade de dar respostas (...). Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização (BOFF, 1999b, p. 139).

Esse costume das “conversas em família” estaria envolvido decisivamente no processo de personalização e socialização. Compreende-se sua importância crucial para a estabilidade do grupo familiar e da vida comunitária. Diversos estudos comprovam inclusive que uma das principais causas de suicídio atualmente é a depressão, que tem, como um dos principais fatores, a crise de identidade, estigma de nosso tempo (HALL, 2006, p. 16; ALMEIDA, 2006, p. 177-191). Identidade esta que deveria ser construída “lentamente” mediante o diálogo profundo, estável e verdadeiro do “eu” com o “tu”.

O estoque identificatório de que o sujeito atual (moderno) dispõe é quase nenhum. Os padrões identificatórios não são mais marcados, as referências se perderam e a depressão, tomada, por muitos, como sintoma maior de nosso tempo, tem, sem dúvida, muito a ver com este vazio de identidade e de identificações. Sociedade em que o indivíduo e sua autonomia valem mais do que a comunidade que o abriga e o patrimônio cultural herdado. Sociedade sem herança, indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas, que correm simplesmente atrás da sedução de imagens que lhes são propostas de inúmeros modos. Na falta de identificações, tentam arrumar uma identidade que lhes permita viver os instantes, identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade (DA POIAN *apud* ALMEIDA, 2006 p. 179).

Com a chegada da “deusa do lar”, a televisão, tudo mudou. O lado artificial e virtual das imagens e das vozes deslocou o lado natural e essencial das coisas e das pessoas. Conscientes de que muita coisa que passa na

televisão está fora de sua realidade, muitos pais e adultos sentem o impacto do outro mundo, como uma moradora de 46 anos, mãe de 05 filhos, informante 09:

Modificou muito. A gente já sente que a televisão tá tirando toda aquela liberdade que os filhos tinham com os pais. Tá mudando muito a maneira de pensar, o jeito de viver (...). Muitas das vezes os jovens já não se preocupam com a “coisa atual”, já querem saber só o que acontece, de comentário da televisão.

A questão das mudanças na convivência deriva não só da contemplação, do ato de assistir, mas da sua participação, do seu envolvimento pelos programas televisivos. Percebe-se que existem muitas opções de “divertimento e passatempo”. Adentra-se esse mundo novo como se adentra um supermercado ou um *shopping*, no intuito de consumir e descartar. Embora existam programas de engrandecimento ético e humano (que tratam de valores e moral), predomina os impactos dos apelos publicitários para o consumismo material.

A propaganda moderna trabalha com outra memória, uma memória da “modernidade-mundo”, no dizer de Ortiz (2000, p. 105-145). É a “alegria de ser” “Nyke”, é o lado “Coca-cola” da vida, é o reino fantástico do menino “Harry Potter”, é a dimensão sensual e artística da “Brahma”, é a beleza única da boneca Barbie, etc. “Através da publicidade o consumo adquiriu um tom nitidamente cultural” (EWEN *apud* ORTIZ, 2000, p. 121). Ela trabalha bem a questão do sujeito e da liberdade de escolha, gerando a noção de que tudo é possível, de que tudo depende da opção pessoal. Criam-se então os gostos por certos programas, individualizando ainda mais os objetos, os tempos e os espaços de cada membro da família. Não se reúnem mais nem para assistir a mesma programação. Perguntados se havia o costume de assistir “novelas” e “filmes” houve unanimidade. Perguntados se era hábito assistir programações jornalísticas, religiosas ou artísticas, houve resistências. A moradora de 30 anos, informante 17, assim fala sobre contato íntimo, próximo, transmitido pelo costume da “bênção”:

Aqui na casa do meu tio, ninguém chama de “pai”, só é “velho”, “coroa”. Aqui não, a gente ainda tem esse costume de “pai”, “mãe”, tomar “bênção”, que às vezes passa despercebido. A hora de tomar bênção, por exemplo, era justamente quando terminava a “conversa”, à noite, e a gente se levantava: “bença, pai, bença, mãe, já vamo dormir”. Os filhos iam tudo pro mesmo quarto, porque a casa só tinha um quarto, e os pais dormiam na sala. Casa pequena. Não é essas casas que tem hoje, com dois, três quartos. E era esse o costume. Hoje, não, acaba de jantar, cada um vai assistir a sua televisão, dorme assistindo televisão, até esquece de desligar. De manhã, acorda, o pai já tá no serviço, já foi dá duas, três voltas em Santana. Então se esquece de tomar bênção, de novo. O ritmo é outro. Mudou! Antes, não, se o filho fosse passando e o pai tava na ponte, perguntava: “tu não tá esquecendo alguma coisa?” Tinha que voltar e tomar bênção. Mas hoje eles não cobram mais, dificilmente.

Para muitos pais, foi deslocada a noção passada de “limites”, por causa dessas novidades. Mudos ficaram diante de tantos discursos. Cegos se tornaram perante tantas imagens. Em muitas casas, a televisão fica ligado o dia inteiro, mesmo que não esteja ninguém assistindo. Ela tem “passe-livre” no seio familiar, como uma velha e estranha amiga ou como um “portal mágico”, enquanto os “reais” amigos (pais-filhos-natureza) estão se distanciando um pouco um do outro, ou se tornam mesmice, rotina, como conta seu caso uma moradora de 27 anos, casada, mãe de 03 filhos, a informante 19:

A televisão fica ligada o dia inteiro, desde às 7 da manhã até 10 da noite. Mas a televisão ligada aqui, e a gente lá pra trás. Só ligada. Só gastando energia. A gente vem e desliga. Aí o moleque vem e deixa ligado, e vai embora. Aí vem desliga e ele liga de novo. E passa o dia inteiro nesta brincadeira... Hoje em dia o pai fala com uma criança, na frente da televisão, ela faz que não tá nem escutando. Aí vê uma “coisa bonita” na televisão e lá acha que tá certo, tudo que passa na televisão tá certo. Aí um pai tenta repreender e nunca tá certo.



Foto: Autores

Figura 15: Televisão

As memórias dos tempos passados e os fatos da vida real são deslocados por “bate-papos modernos”, isto é, os pais já não contam suas façanhas ou a dos antepassados da mesma forma que antigamente, pois existe a possibilidade da dúvida, da negação ou da vergonha. Instalam-se sentimentos ou pensamentos antes pouco expressivos. Sente-se uma insegurança, tem-se medo da contradição. Manifesta-se o que Mercer afirma quando fala que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõem como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER *apud* HALL, 2006, p. 9).

Esse jogo contraditório de identidades no centro da comunidade via televisão, a urbana e a ribeirinha, a moderna e a amazônica, como se percebe, desloca também os olhares das crianças, como diz o pescador de 33 anos, casado, pai de 03 filhos, informante 26:

Aqui na nossa comunidade era os filhos sempre com o pai, eles botavam malhadeira no rio, botavam matapi, iam lancear com o pai, e hoje em dia, não se vê mais isso.

As casas começam a tornarem-se espaços fechados e as famílias começam a se isolar, como frisa a moradora de 26 anos, mãe de 03 filhos, informante 18:

Modificou muito porque naquela época a gente tinha mais tempo pra conversar. Não tinha tempo pra tá assistindo televisão. O tempo que tava assistindo tava conversando, fazendo outras coisas. Hoje em dia, o “moleque” tá perturbando, liga o DVD e joga o moleque lá pra dentro, pra “enterter” [= entreter] ele. Então eu acho que pra mim mudou, sim. Antigamente a convivência era mais próxima.

Se antes, criar os filhos implicava entrar em contato com os parentes, o terreiro, as florestas e os rios, hoje é deixá-los livres para entrar em contato com o mundo virtual das bonecas e carrinhos eletrônicos, da propaganda dos jogos de vídeo-game japoneses, dos desenhos animados “Power Rangers”,

das camisas do “Bob Esponja”, das mochilas do “Homem-Aranha”, das calcinhas das “Meninas-Superpoderosas”, das sandálias “Hello Kits”, dos xampus e condicionadores “Monange”. A imaginação da criança, em certo nível, é paralisada pelos “sonhos de consumo”: cadernos com “superpoderes”, celulares que levam a pessoa para “outro mundo”, “lápiz fantásticos”, “bonecas quase humanas que falam, choram”, “carrinhos mágicos”, enfim, hábitos e comportamentos típicos do contexto urbano, como afirma o pescador de 28 anos, casado, pai de 02 filhos, informante 20:

Difícilmente tu passa numa casa, elas (as crianças) estão brincando de casinha. Ou tão assistindo televisão ou a brincadeira fica mais dentro da casa, por causa dos brinquedos que “entraram”, a questão dos “importados”, os novos brinquedos que não existiam na minha “época”... Hoje a gente não vê mais isso. Hoje a brincadeira é em casa, uma boneca, um vídeo-game.

Conversando com vários pais e adultos percebe-se o impacto. Faltam os tempos da humildade, criatividade e liberdade saudáveis, em que brincando se aprendia as lições fundamentais para vida; em que os pais estavam mais “presentes” na vida dos filhos, lhes apontando os caminhos que poderiam ser trilhados, sem cair no permissivismo ou no proibitismo; em que os filhos confiavam naturalmente neles, pois sabiam que não lhes levariam para o caminho do “mal” ou da “perdição”, mas proporcionariam uma responsável liberdade para enfrentar a vida.

Os adolescentes e jovens, principalmente, sofrem também esse abalo na questão da criação e da educação. Se antes, liberdade e autonomia era assumir atitudes de responsabilidade e confiança para poder sair, namorar, formar sua família e viver, hoje, já é possível perceber outros sentidos nos relacionamentos afetivos e no “passar festa”. Começa a ser inserido outra “lógica”, outro “espírito”, outra “forma” de relacionamento, que pode ser considerado como o *esprit de géometrie*, de que fala Pascal, diferente do *esprit de finura* já citado:

é o espírito calculatório e obreirista, interessado na eficácia e no poder. É o modo-de-ser que imperou na modernidade. Ele colocou num canto, sob muitas suspeitas, tudo que tem haver com o afeto, o enternecimento e o cuidado essencial. Daí deriva também o vazio aterrador de nossa cultura “geométrica” com sua plethora de sensações, mas sem experiências profundas; com um acúmulo fantástico de saber, mas com parca sabedoria, com demasiado vigor da musculação, do sexualismo, dos artefatos de destruição mostrados nos *serial killer*, mas sem cuidado para com a Terra, para com seus filhos e filhas, para o futuro comum de todos (BOFF, 1999b, p. 119).

Já existem não poucos casos de jovens que foram envolvidos pela lógica do “ficar” (encontros íntimos sem muito compromisso e com instantes de duração de tempo) e do “zoar” (badalação pelos ambientes de festa, principalmente da cidade, para curtir uma “balada”, um “show”, um “batidão-aparelhagem”, uma “boate”), como informa a dona de casa de 35 anos, casada, mãe de 06 filhos, informante 12

A gente tem aí jovens com três, quatro filhos, cada um com uma mulher. Não tinha isso antes. “Há, fulano engravidou sicrana, vai casar”. Casava, mesmo, e dava “certo”. Hoje, se a gente for fazer isso, geralmente não dá certo. Se for dizer “eu caso”, mas a pessoa fica com aquela idéia de fazer de tudo pra dá errado, e dá mesmo. Antes, não, quando a pessoa casava, era pra assumir mesmo.

A noção de trabalho e de beleza, no cenário juvenil, também é significativa. No passado, a imagem pessoal e comunitária de uma pessoa “bela” estava muito ligada ao fato de se ser honesta, responsável e trabalhadora. O jovem “vadio” ou “libertino” era tachado e estereotipado com mil e uma más inclinações.

Por isso essa fase da vida, a juventude, não tinha o peso da inutilidade e aparência (curtir) que as sociedades modernas do *light* e do “descartável” lhe deram (ALMEIDA, 2006, p. 139-157). Em certo sentido, era uma juventude comprometida com um futuro que já começava a ser construído agora, hoje, na labuta do dia-a-dia, até encontrar o momento certo de “se juntar”, formar sua família e viver. Pouco se via o vazio de propósito nesses relacionamentos íntimos - afetivos antigos. Trabalho e beleza se uniam levando à descoberta

das necessidades e dos encantos mais íntimos da alma, que se traduziam na ajuda mútua uns dos outros, e em todos os momentos da vida.

Hoje, porém, encontram-se casos de jovens-homens que trabalham durante a semana toda, na pesca, e no fim de semana gastam tudo com coisas “caras ou fúteis” (festas, bebidas, roupas etc.), ou casos em que o jovem cria independência financeira da família e dos pais, não ajudando em certas despesas da casa, como faz questão de lembrar o pescador de 65 anos, pai de 18 filhos, informante 13:

trabalham pra gastar o dinheiro na diversão, não é pra ajudar em casa, não... “bebida”, “festa”, “mulheres”, porque com liso elas não saem. Eles sabem disso, tem consciência... tem jovem, aqui, que trabalha a semana toda, sol-a-sol, lascado, ou passam 15 dias viajando, e gastam tudo no fim de semana. Existem muitos casos disso. Dificilmente eles trazem pra casa pra ajudar “meu pai, minha mãe”, raramente acontece.

Com relação às jovens se descobriu casos em que a influência da propaganda da moda é muito forte, desviando o olhar para certos ídolos e estilos, entrando na dinâmica da vida e ainda mais dos sonhos modernos. O padrão de beleza moderno, centrado no “ter e no comprar” desvia o olhar do coração, razão das novas uniões afetivo-conjugais na comunidade de origem, como comenta a dona de casa de 27 anos, informante 19:

Hoje em dia uma menina com 28 anos pensa em “passar festa”, é só “balada”. Falar hoje para uma menina de 22 anos ficar gestante, ela não quer. Não quer constituir família. Tem aqui na nossa comunidade o caso de jovens de 25, 23 anos que não pensa em casar, só gosta de “curtição”. É porque gosta de namorar, de sair, mas não de compromisso sério, não quer casar. Esses jovens que tão saindo agora, de 17, 18, 20 anos, eles não tão pensando em família, não, só em curtir a vida. Mudou tudo, tá mudando tudo, tá passando rápido e as mudanças tão vindo com o tempo que tá passando rápido... Com 15, 16 anos, essas meninas já saem pra ir pra festa, e nós que quando tinha 15, 16 anos, não podia nem sair de dentro da casa. Hoje em dia os pais não dão mais conta dos filhos.

Se antes uma jovem de 15, 16 ou 17 anos, para “passar festa”, só sairia de casa com sua família, bem acompanhada pelos mais velhos, quando não pelo próprio marido ou filhos, hoje, elas querem sair sozinhas, chegando o caso de jovens de até 25 a 30 anos ainda passarem festa como “solteiras”! É uma mudança brusca (quebra de tabus). Antes, eram muito controladas as saídas de casa para esses momentos, talvez mais pela idade ou pelo cuidado. Os pais não proibiam, mas colocavam condições: ir com os parentes, com uma pessoa responsável, com os próprios pais.

Hoje, portanto, a presença destes modos de vida da cultura moderna, veiculados pela televisão para o consumismo e os ditos sonhos modernos, leva a novos rumos os relacionamentos entre os moradores da comunidade como também desta para com seu espaço originário e com as estruturas do mundo moderno.

2.2 O IMAGINÁRIO COMUNITÁRIO SOBRE A ESCOLA E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A ESCOLHA DA PROFISSÃO E DO FUTURO

A inserção da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha no contexto moderno e global não se dá apenas através do universo do consumismo material veiculado pela televisão. Há efemeridade elevada nesta forma de contato, embora seja um verdadeiro “sistema universal de valores”, potente “mecanismo de desencaixe” dos sistemas sócio-culturais nas sociedades contemporâneas.

Considera-se, por isso, a existência de outra estrutura mais sólida, verdadeiro “sistema perito”¹⁹, que no contexto da sociedade capitalista, visa

¹⁹ “Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, 1991, p. 35).

preparar quase exclusivamente as pessoas para exercerem um trabalho técnico e racionalista e assim terem um futuro amarrado às ordens do progresso tecnoeconômico: a escola. A dimensão “humana”, “natural”, “social” e do “incerto” praticamente inexistem, sendo tema das principais discussões contemporâneas sobre a situação crítica por que passa a educação das escolas e universidades modernas, no fundo, da própria sociedade moderna (MORIN, 2000, p. 35-36; BOFF, 1999a, 179-215; GIROUX, 1987, p. 7-19).

A escola representa no imaginário coletivo da comunidade um “avanço”, outro “futuro”, por mais que, no fundo, ela também possa representar uma ruptura com elementos importantes que constituem o passado, a identidade, a história desta mesma comunidade. Isso se justifica pela própria lógica que levou à instituição do chamado “saber escolar” no mundo ocidental moderno. O conhecimento técnico, formal, científico, nasceu e se solidificou como uma crença para a saída de um mundo “selvagem” e “primitivo”. Não é por acaso que veio com o distintivo de “luz” e no ambicioso projeto do Iluminismo (HORKHEIMER, 1989, p. 97-124).

Por isso identificou-se na comunidade ribeirinha estudada a possibilidade de quebra de vários elos culturais com o seu passado concreto e no seu imaginário simbólico, como os verificados na pesca e na família, categorias essenciais do ethos amazônico. As crianças e os adolescentes estudam na própria comunidade, mas para adquirir sistematicamente um conhecimento e uma profissão urbana, afetando não só uma geração, mas as próximas. Não se questiona aqui a inferência positiva da instituição escolar, mas o conteúdo etnocêntrico e imperialista de que é carregado, como se verá.

2.2.1. A educação antes do advento da escola

Até bem pouco tempo atrás, segundo os moradores mais antigos, percebe-se que a influência da “instituição” escola no imaginário simbólico da comunidade vem carregada de “utilidade”, “necessidade” e “distância”.

Não havia escola na própria comunidade, mas havia o “sonho” de estudar fora, para quem sabe arrumar uma “vida melhor”, apesar das dificuldades de transporte e distância, como se destaca na fala de quatro moradores, respectivamente de 42, 54, 30 e 46 anos, informantes 14, 08, 17 e 09:

“De primeiro a educação era muito difícil, principalmente pra nós que morava no interior, pois não havia escola nas comunidades”. “A gente ia estudar pro Elesbão (distrito do município de Santana, situado na foz do rio Matapi Mirim), pra ir pra lá era muito sacrifício, tinha que ir de canoa, remando”. “Não tinha escola na comunidade, tinha que ir pra cidade”. “Era muito difícil, nós gastávamos muito com o transporte.

Existia, sim, o desejo de ter “estudo”, mas não obedecia aos mesmos ritmos do contexto urbano, a mesma dinâmica do mundo moderno propriamente dito. Isso possibilitava uma reflexão mais profunda e geral sobre o porquê de querer estudar: o que se ganharia e o que se poderia perder. Por isso se vê entre os primeiros pais a despreocupação de incentivar os filhos para irem para as escolas fora da comunidade. Essa preocupação é muito mais recente.

Como se falou anteriormente, a “educação” era transmitida pelos pais, que eram os mestres, doutores, sábios, professores. Eram lições mais dadas com as experiências e os exemplos de vida. Não se tirava os ensinamentos de fontes inertes ou abstratas, mas da imensa biblioteca construída ao longo de tantas e tantas gerações de pessoas e de episódios que as florestas e os rios

amazônicos ocultam. Loureiro fala que uma de suas várias intenções ao estudar a cultura amazônica era exatamente “descrever alguns aspectos desse livro amazônico lido pelo caboclo no decorrer de seus exercícios espirituais de contemplação” (LOUREIRO, 1995, p. 117).

É significativo desse tempo que alguns pais tenham estudado unicamente para aprender a ler e a escrever. O resto não era parte das suas vidas, de suas realidades. Para que querer entrar no outro mundo aberto pela escola, se a “vida” é tomar banho nos rios, estar no mato preparando o roçado, ficar “entralhando” a malhadeira ou tapando igarapé, permanecer envolto de uma gente e de uma realidade conhecida, mas surpreendente e admirável? Zé Miguel, poeta, compositor e cantor amapaense, quando compôs *Vida Boa* certamente tentou retratar a dimensão poética, segundo Loureiro (1995), de que é envolto o homem originário da Amazônia: “O dia nos chega toda a manhã com nuvens de fogo pintando o céu/ um ventinho frio sopra assim, assim/ desde quando se escuta o canto do japim/ A canoa balança bem devagar, a maré vazou, encheu, é preá-mar/ O Zé vai pro mato apanhar açaí, Maria pra roça vai capinar/ A vida daqui é assim devagar, precisa mais nada só pra trabalhar/ Basta o céu, o sol, o rio e o ar e um pirão de açaí com tamoatá. Eh...Quê vida boa Sumano, nós não tem nem que fazer plano! (...)”

A educação dos pais é uma educação para a vida. Uma educação para o trabalho do dia-dia, para o conhecimento da realidade ao redor através de brincadeiras saudáveis, para a convivência fraterna em família e em comunidade, para a construção de uma identidade estável nascida da memória coletiva e dos fatos narrados pelos antepassados.

Educação se confunde com criação. Por isso, existiam duas expressões quase sinônimas: “mal-criado” e “mal-educado”, que, quando ressoadas para certos filhos, logo se remetiam aos pais e à sua família.

Naturalmente os filhos aprendiam a pescar, a tirar o açaí, a roçar o quintal, a limpar o terreiro, a conhecer as espécies de peixes e de plantas, a descobrir os ciclos da natureza (tempo de pesca, época de maré etc.), a mergulhar no tempo das lendas e das histórias, enfim, a conhecer e a sentir o seu mundo a partir das próprias experiências, do cotidiano vivido, do presente

que parecia mesmo um “presente”, cheio de novidades. Um dos moradores, de 32 anos de idade, casado, pai de 03 filhos, o informante 15, disse que na sua família “só teve três pessoas que estudaram pra ter o ensino ‘melhor’; o resto, não, era pescador que aprendia com as experiências”.

Observa-se então que a escola enquanto instituição moderna até recentemente era pouco expressiva na vida dos moradores da comunidade. Predominava o saber tradicional, com sua racionalidade afetivo-intuitiva, modelando a subjetividade e a sociabilidade das pessoas, das famílias e da comunidade em geral.

Nos primeiros tempos, os moradores têm o conhecimento adquirido de forma tradicional. Poucos conseguem sair da comunidade para levar adiante seus estudos. Existe não só outra mentalidade, mas também uma forma singular de ensino. Pensar e ensinar estavam unidos, de tal modo, que não se ensinava o que não se refletia, pois, continuamente se refletia o que se ensinava.

Morin, em seu livro *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, mostra-se preocupado com o caráter etnocêntrico e míope da educação moderna, quase sempre tecnicista, disciplinar e cientificista. Por isso, propõem um novo paradigma (modelo), fundado exatamente na conjunção entre as diversas dimensões que constituem a complexidade do “ser humano”:

O ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões históricas, econômicas, sociológica, religiosa (...) Não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras (MORIN, 2000, p.38).

É admirável então que os primeiros educadores desta comunidade tenham naturalmente intuído esse modelo de educação, ligada ao que existe de mais humano e vital. De fato, Ribeiro, comentando o impacto avassalador da modernidade no seio das comunidades ribeirinhas, falará da imensa

biblioteca perdida por conta deste processo de modernização: “Perde-se assim toda a sabedoria adaptativa milenar que essa população havia aprendido dos índios para viver na floresta”. (RIBEIRO, 1995, p. 308).

2.2.2. A educação escolar no seio da comunidade

Com a fundação, em 2004, da sua primeira escola²⁰, a comunidade passou a ter um maior acesso à educação técnica e disciplinar, transmitida por profissionais técnicos formados dentro dos sistemas de pensamento e de ensinos modernos.



Foto: Autores

Figura 16: Escola de nível fundamental

Abriu-se um novo caminho a percorrer, que antes era inexistente. O fato é que hoje, os jovens e as crianças da comunidade, se deparam com outra realidade, diferente da dos antigos, uma realidade mais aberta para o mundo moderno. Os próprios pais sentem-se realizados quando um filho termina os estudos do nível médio, ou entra no nível superior, por imaginar que o estudo

²⁰ O nome é Centro de Educação Nossa Senhora de Nazaré, referência à fé católica herdada das bandas das “ilhas do Pará” e da tradição paraense e agora amapaense, nome também da capela comunitária.

trará um “futuro melhor” para todos; o estudo pode trazer um emprego, um trabalho, o desenvolvimento para os filhos dos pescadores. Agora se tem mais oportunidade de terminar os estudos por serem privilegiados com duas escolas: uma de ensino fundamental e outra de ensino médio. Também o governo e a prefeitura acabaram por ceder barcos para conduzirem os jovens e as crianças até as escolas.

Percebe-se mais próxima do que nunca a realidade “urbana e moderna”. Transformada num enorme “mercado de bens e serviços simbólicos”, convém lembrar, porém, que a “cidade amazônica”, na visão de Becker (1991, p. 52), é “construída” para se inserir e representar a lógica da ocupação moderna, em detrimento da floresta e das comunidades rurais, que representariam o atrasado, selvagem e primitivo.

É com esse imaginário ou visão moderna que a escola acaba afetando a vida da comunidade, trazendo novas perspectivas para os “novos moradores”, um “novo futuro”. O pescador de 32 anos de idade, informante 15, assim se manifesta sobre os filhos pequenos:

Aqui no meu caso eu tenho uma luta com os moleques todos os dias, pra botar eles para a escola, porque eu acho que se eu tivesse estudado, hoje em dia, eu estava “melhor” de vida, porque o estudo traz muita coisa boa pra gente, ter um conhecimento melhor. Então os meus filhos têm que estudar, porque à “cada dia” fica mais difícil um analfabeto ter alguma coisa. Então eu tenho que incentivar eles pra estudar para não tá como eu, “dependendo dos outros”.

Percebendo a nova dinâmica trazida pela escola, os jovens tentam desviar seus olhares do contexto local, da vida “monótona e rotineira” que tinham os antigos, por mais que exista as contradições neste novo olhar. Dialogou-se com vários alunos de uma das escolas, confrontando as duas realidades, e chegou-se a esses olhares, dos informantes 21, 22, 23, 24 e 25, respectivamente de 17, 12, 16, 12 e 17 anos:

1“Hoje o jovem tem o pensamento de se formar e ter outra profissão diferente do pai (pescador, tirador de açaí etc.)”.2 “A escola oferece um novo caminho diferente dos pais”. 3“Boa parte não quer ser mais pescador como os pais, eu quando sair daqui quero ser engenheiro, ter o meu dinheiro e o meu emprego”.4 “Me sinto atraído pela escola, porque ela me inspira a conhecer o mundo”.5 “A pessoa pensa em sair da comunidade pra ter outra profissão, que não seja de pescador ou tirador de açaí.

A escola, com seu ensino rigidamente disciplinar-especializado e seu pensamento técnico-científico, como se vê, divergiria da realidade local. Porém, foi expresso o desejo de que as duas escolas oferecessem cursos, fizessem projetos, voltados para o mundo ribeirinho, levando os jovens e as crianças a refletirem e atuarem mais no contexto do mundo ribeirinho-amazônico e tradicional.

No passado havia mais tempo para se aprender as lições fundamentais para vida, dadas quase exclusivamente pela família. Hoje, outras lições, que não são as mesmas lições fundamentais dadas anteriormente, estão sendo dadas agora pela escola, que divide com o grupo familiar a tarefa de “educar”, tomando boa parte do tempo dos jovens e das crianças. Apreende-se, principalmente pelas conversas com os pais e adultos, a imensa importância das formas de trabalho local, como a pesca e a extração de açaí, do resgate da história da origem da comunidade, de se preservar a memória e a tradição oral dos antepassados. Um morador, de 49 anos, informante 01, comentando que, no seu tempo, desde cedo a criança já aprendia a pescar, afirma que “hoje, os jovens procuram outras profissões porque eles não aprendem o básico da pesca, a experiência”. É importante a afirmação deste pai, haja visto que o jovem se defronta com duas realidades distintas de futuro, tendo que dispor de tempo: ou para estudar ou para trabalhar²¹. Um novo olhar e um novo imaginário acaba por ligar a vida da comunidade local à estrutura e dinâmica do mundo globalizado, como sustenta Wagley:

²¹ Conversando com vários pais e pescadores, percebe-se que há consciência da divisão do tempo neste sentido, pois, no passado a criança aprendia a ser pescador por meio da prática e da convivência nos rios, sendo hoje limitados juridicamente pela Lei (Constituição Federal e Estatuto da Criança e do Adolescente).

O homem contemporâneo da Amazônia compra artigos manufaturados nas fabricas modernas, viaja em vapores ou navios fluviais movidos a motor diesel, conhece os grandes transatlânticos e aviões e depende dos caprichos de mercados distantes e políticas governamentais; entretanto, grande parte dessa gente provê sua subsistência com uma agricultura primitiva ou, mais propriamente, lavoura, com a caça e a pesca, com a extração dos produtos naturais da floresta ou com um pouco de tudo isso. (WAGLEY, 1989, p. 83).

A questão, portanto, não se processa apenas no que diz respeito à escolha de uma profissão, mas à escolha de um futuro. Pensamento e prática estão unidos. A “educação” não é neutra, mas constitui a base do modo de vida de uma pessoa e de um agrupamento humano (AGUIAR, 1994, p. 61-84; MORIN, 2000, p. 42-43). Educação, profissão e futuro, então, estão entrelaçados. Uma pergunta – comum perpassa muitas cabeças infanto-juvenis: “O que eu vou ser quando crescer?”. A resposta encontra-se no modo de ser dos adultos e dos pais e no contexto no qual estão inseridos a criança e jovem. Olhando a dinâmica de alguns moradores e da sociedade moderna global, levantou-se, então, algumas hipóteses:

1) ou paralisam-se os estudos em prol de uma profissão e de um futuro já garantido como pescador;

2) ou se fica na comunidade estudando e preparando-se para ser pescador, o que é difícil dado os tempos de pesca e a não-adaptação das escolas (mas não impossível);

3) ou sai-se da comunidade para continuar estudando ou trabalhando e só retornar nos fins de semana;

4) ou aprende-se os conhecimentos técnicos para usar na realidade local (área de pesca, floresta, manejo, ecologia etc.);

5) ou desloca-se com a família para a cidade e rompem-se os laços com a comunidade.

Percebendo o que pode se passar na cabeça de estudantes, pais e profissionais da comunidade, e após conversar com vários alunos de uma das escolas, dialogou-se com o diretor-fundador da escola de nível médio,

transformada em escola estadual a partir de junho de 2008. Este, o informante 02, tratando-se de um morador nato, nascido e criado no local, intencionou, em seu dizer, trazer um avanço para a comunidade. Graduado e professor, pescador experiente e pai de família, o mesmo sente no ambiente escolar outro imaginário quanto à escolha da profissão e do futuro:

Claramente já se vê na sala de aula esse debate, bem poucos falam que querem ser pescador e agricultor, porque eles não querem a “mesmice” que os pais conviveram, a maioria bate na “tecla” (...) quer ser artista, “modelo”, principalmente as meninas, muitos querem ser dançarinos, porque o que movimentam eles é a dança (...). A maioria quer ir embora, a “modernidade chegou”, a tecnologia encostou, eles estão indo (...) na primeira oportunidade que os jovens têm, eles vão embora, adeus tradição, adeus comunidade, então eles ficam numa expectativa de partir, de sim ou de não, de dar certo ou de dar errado, deixam para trás o que tiver, seguem por eles mesmos, é a vontade própria.



Foto: Autores

Figura 17: Escola de nível Médio

A chegada do mundo moderno, no imaginário local, via escola, é institucionalmente inevitável. Ele vem para ficar. Por isso, na história da escolha das profissões e do futuro, encontrou-se as mais variadas situações.

Existe o caso de vários pescadores que abandonaram os estudos porque a necessidade financeira falou mais alto. “Para quê estudar, se eu tenho tudo que preciso para comer, beber, vestir, se divertir, ali na minha frente”, assim pensam. Percebe-se inclusive que houve mudanças quanto ao trato desta atividade, antes verdadeiro universo de histórias e memórias para toda a família e a comunidade.

Outros resolveram concluir os estudos e investir numa profissão e numa vida mais “moderna”. Encontrou-se pessoas que se dispuseram a trabalhar de vendedores, professores, em empresas, como funcionário público etc, alguns na própria comunidade, outros fora da mesma, convivendo todos os dias na família ou só retornando nos fins de semana.

Encontrou-se alguns universitários, a grande maioria mulheres, que escolheram cursos aleatórios (história, administração, filosofia, pedagogia etc.), sem muita ligação com a realidade tradicional da comunidade, na tentativa de obter o nível superior. Por fim, encontrou-se também o caso de pessoas que estudaram ou moraram anos na cidade e após essa experiência resolveram retornar para a comunidade.

No fundo, todas essas experiências evidenciam o que o diretor-fundador supracitado falou: a escola é um elemento em potencial para a vivência de outras experiências. Ela representa a novidade, o moderno, a civilização, e o desencaixe de elementos importantes do modo de vida passado. Como “cidadão” inserido na dinâmica do mundo moderno e como “fonte viva” dos tempos antigos, o educador e pai de família supracitado, nascido em 1968, reafirma esse “desencaixamento”:

As nossas atividades eram muito rígidas; se a gente se metia num futebol tinha horário pra chegar (...). Hoje, a gente vê que não tem mais estes princípios, se acabaram, ninguém quer “cuidar” de ninguém, a gente tem uma juventude totalmente distorcida, não obedece nem os professores na sala de aula, nem os pais. Tá diferente, hoje, mas antigamente a coisa era mais séria, e os valores passaram porque ninguém valoriza mais a “vida”. Hoje é mais “curtição”, a vida “boa” era a minha, a minha história que eu tento mostrar. Quanto mais pra trás eu ficar é melhor. Eu comparo com a comunidade do Banha. Eles têm uma identidade antiga, tem uma tradição; aqui tá melhor do que na minha comunidade. Eu quero ouvir os pássaros cantando, porque lembram a minha infância. Aqui no Cachoeirinha eu já acordo “perturbado” (...) tô com vontade de comprar um terreno ia pra cima (...) sentir o impacto do igarapé, o cheiro da mata, as montanhas, tudo volta. Ai, meu tempo, se eu pudesse voltar e me “acabar aqui” (...) você esquece o momento que você é do Cachoeirinha, você quer ficar lá; porém, não pode por causa dos “compromissos”. Ninguém passa mais por isso, dessa geração eu sou um dos últimos, e sei contar em pleno 2008, coisas que já se acabaram.



Foto: Autores

Figura 18: Jovem

A nova geração tem outros sonhos, outros valores, outros horizontes, outros projetos, por mais que saiam, retornem e continuem vivendo na comunidade. Isso abalou os fundamentos da criação e da educação tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de uma comunidade ribeirinha, que nasce da Amazônia, mas se insere nas estruturas dinâmicas da modernidade, leva a duas considerações principais: 1^a) remete a outras dimensões da existência humana e social, e 2^a) faz pensar no modelo de desenvolvimento capitalista que estão lá impondo com auréola de moderno e que desconsidera a dignidade do “ser humano” e da “natureza”. Como se percebe isso no interior da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha? Através da análise dos dois traços elementares da cultura amazônica, a pesca e a família, e dos dois da cultura moderna, a escola e a televisão, todos inteligíveis apenas no lócus cultural a que pertence, apesar do constante jogo contraditório de identidades.

A influência que o modo de subsistência principal, a pesca, e o grupo fundamental de socialização e individualização, a família, desempenham na vida dos moradores (análise do primeiro capítulo) é existencialmente estabilizadora ou desestruturadora. Essa cara da comunidade não deriva de simples estruturas, dogmas abstratos ou necessidades presentes. Ela é fruto de um processo histórico e cultural complexo e extenso, que marcou intuitiva e simbolicamente a vida dos primeiros moradores, tendo o senhor Levindo Alves desencadeado em nível local.

A lógica que conduz a atividade pesqueira revela fortes evidências de um trato diferenciado quanto ao trabalho e à natureza. Ambos não são vistos como trabalho abstrato nem como valor de troca, marcas do ethos cultural moderno. Desde os tempos mais antigos, o trabalho tem uma função social e os bens da natureza, um sentido comum. Os frutos colhidos têm um peso pessoal muito forte (dá caráter, auto-realização, senso de honestidade etc.), mas liga-se à subsistência do grupo familiar e ao equilíbrio dinâmico da vida comunitária. O humano e o comunitário mostram-se visivelmente interconectados.

E aqui se percebe entrelaçado pesca e família: mundo do trabalho e mundo dos valores. Ou mais categoricamente: o social e o cultural, o comunitário e o pessoal. Como foi visto, a importância de uma família estruturada e fraterna marcou a vida dos moradores do Cachoeirinha, e desde seu começo. Todos praticamente são parentes.

A lógica da criação e da educação familiar não é reducionista nem fechada. Apesar da centralidade do grupo familiar no processo de individualização e socialização, há uma relação dialógica com a realidade local, urbana e geracional. Mas essa relação não destitui o que se “é”, em vista do que se “possa” ser, negando o caráter gerado pelos valores ensinados pelos pais-avós e pela memória das tradições e dos costumes das gerações passadas. Esta atitude, que considera-se admiravelmente racional e transcendente, leva a referências explícitas por parte de crianças, jovens e casais quanto ao sentimento de viver bem em família, terem desequilíbrios normais e de haver enfraquecido formas passadas da convivência humana, cultural e natural.

Esta última observação foi a temática do segundo capítulo. Nele viu-se como a comunidade é inserida nas estruturas dinâmicas da sociedade moderna por meio do consumismo cultural, representados na escola e na televisão. Estas duas estruturas típicas da cultura moderna funcionam como fatores desestruturantes do modo de vida tradicional. No contexto de uma sociedade capitalista funcionam dentro da lógica do chamado progresso tecnoeconômico, direcionando constantemente os moradores do Cachoeirinha às influências diretas e indiretas do imaginário imperialista e etnocêntrico moderno.

Negando a identidade e a territorialidade física, humana, histórica e cultural construída arduamente pela comunidade, a possibilidade de uma drástica desestruturação, feita por essa modernidade, é nítida. Neste sentido, bastaria democratizar técnica e estruturalmente o acesso aos bens e serviços modernos, mito esse que, na realidade, conduz a cultura moderna à ética do consumo. A influência que essa visão de homem e mundo tem sobre as formas passadas de pensar os valores e de organizar a convivência é debilitadora para

a comunidade, como demonstra experiências de outros contextos amazônicos e culturais ao longo da história. Isso impede qualquer marcha de resistência, autonomia e diálogo aberto. Por isso, extensos problemas e profundas contradições obrigam a recolocar eticamente questões negadas ou negligenciadas no contexto da sociedade moderna como, por um lado, o papel capitalista e tecnicista da educação escolar e o sentido valorativo e ético do consumismo veiculado pela televisão e sustentado pelas poderosas agências transnacionais, e, por outro, o significado simbólico do saber tradicional e a riqueza indelével dos valores humanos existentes em todas as culturas e tradições espirituais.

Como foi apontado ao longo da análise feita, ambos, televisão e escola, representam no imaginário coletivo da comunidade outro mundo, outro homem, podendo influir na escolha da profissão e do futuro. Sente-se, segundo os moradores, o impacto desta relação, sejam os antigos ou os novos, mas não se impede os ditos “avanços”. A modernização estaria chegando com as escolas, a energia vinte e quatro horas, os eletroeletrônicos, os bens materiais, os sonhos de consumo, os hábitos de “gente moderna”, as quebras de padrões passados, etc., não se podendo freá-la nem negá-la. Esta postura seria sinal de inferioridade e primitivismo. Reforça-se a natureza primária do processo: a modernidade que quer entrar na vida e na casa dos moradores da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha é a da “ética do consumo”, que arrogantemente afirma trazer a civilização e o sentido primeiro-último para a vida.

Tal modernização torna inevitável o impacto no campo cultural dos valores e dos rituais simbólicos originários, sejam materiais ou imateriais. Percebendo, então, sua natureza estranha, vários moradores e moradoras levantaram reflexões consideravelmente fundamentais: 1) de a escola dirigir o ensino para a realidade local, dialogando saber e medicina tradicional, culinária e técnicas de trabalho local, costumes e hábitos passados, história da comunidade etc.; 2) da pesca não ser acessível experienciadamente às novas gerações (como as passadas) devido a escola e a legislação que proíbe o trabalho infanto-juvenil, e da Colônia ser uma forma de apoio; 3) da televisão informar assuntos que tocam a vida da comunidade, apesar de tratar mais assuntos fora de sua realidade local, desinformando mais que informando,

deformando mais que formando; 3) de haver um modelo ideal de grupo familiar, filtradora dos costumes e construtora de tradições e que contradiz as imagens das famílias problemáticas modernas; 4) do trabalho ainda ser preponderantemente comunitário e os bens produzidos voltados às necessidades básicas de todos; 5) da luta pela territorialidade física e histórica movimentar os moradores quanto à sua demarcação e quanto ao seu enraizamento com as origens da comunidade; 6) do consumo dos bens materiais poder ser feito sem a perda dos valores e costumes elementares que teriam dado vida aos moradores e identidade cultural ao universo ribeirinho e amazônico; 7) da riqueza das florestas, com suas espécies de lei, ser vista sob a ótica das necessidades básicas do ribeirinho e do bem comum, levando o Estado a custear financeiramente sua preservação junto à população, retirando a esterilidade da proteção integral e a monopolização da pesca, e possibilitando novas formas sustentáveis de trabalho e de interação com a natureza.

Essas e outras posições recolocam a relação cultura amazônica e cultura moderna sob outros olhos, não o da mera passividade. Pesca, família, escola e televisão não estão isolados uns dos outros, mas mutuamente se influem. A pesca passa então a ser vista como trabalho subsistencial, a família como garantidora das tradições e dos valores, a escola como instrumento de aperfeiçoamento da vida comunitária e a televisão como veículo de informações, confronto de situações e conscientização.

O local e o global estão intrínseca e dialeticamente presentes no seio da comunidade Margem do Rio Cachoeirinha. Reconhecer a identidade cultural originária e as contradições da ética do consumo criaria uma possibilidade promissora para um contato legítimo e não-destrutivo. Nossa contribuição quer apontar para esta direção.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carmen Maria. **Educação, cultura e criança**. Campinas: Papirus, 1994.

ALMEIDA; EUGÊNIO (Org.s). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BALDUÍNO, Horn; Diez, Carmem. "O senso comum e a ciência". **A construção do texto acadêmico**. Curitiba: Editora dos Autores, 2002.

BECKER, Bertha. **Amazônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

BELLA FELDMAN-BIANCO. (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987.

BOFF, Leonardo. "Todos os pecados sociais antiecológicos: a Amazônia". **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1999a.

_____. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999b.

_____. **Ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

GIDDENS, Antony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.

GOLDMANN, Lucien. **Cultura e dialética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, Acir Furtado. **O discurso que disciplina**: um inventário de imagens de trabalhadores na Revista Icomi Notícias, Macapá, 2006 (TCC apresentado na FAMA).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

HORKHEIMER, Max. **Textos de Max Horkheimer**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia**: Estado, Homem, Natureza. Belém: Cejup, 1992.

MARX, Karl. **Textos de Karl Marx**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

MITSCHEIN, Thomas *et al.* **Urbanização Selvagem e Proletarização Passiva na Amazônia**: o caso de Belém. Belém: Cejup, 1989.

MORIN, Edgar. "Por um pensamento ecologizado". **Faces do trópico úmido**: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: Cejup, 1997.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NAKASHIMA, Mary. **Chico Mendes por ele mesmo.** São Paulo: Martin Claret, 1992.

ORG. **Cultura brasileira:** tradição e contradição. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; FUNARTE, 1997.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

RIBEIRO, Darcy. "O Brasil caboclo". **O povo brasileiro:** evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Everardo. **O que é Etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memórias, dor. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TATTERSALL, Iann. "Como nos tornamos humanos". **Scientific American.** São Paulo, n° 17, edição especial "Evolução", s.d.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica:** estudo do homem nos trópicos 3. ed. São Paulo: Edusp, 1989.

APÊNDICES

Apêndice A – QUESTIONÁRIOS

PESCA

- 1 Como se dá ou como se inicia o trabalho da pesca?
- 2 Quais os instrumentos de trabalho, como e quem confecciona?
- 3 Qual o período ou o tempo desta atividade?
- 4 Onde se pratica?
- 5 Quantas e quais as pessoas envolvidas? (se são filhos, parentes, amigos, contratados etc.).
- 6 Qual a sua finalidade? (comércio, consumo, troca local etc.).
- 7 Há quanto tempo trabalha nesta atividade e quem ensinou?
- 8 Qual o valor que a pesca tem para sua vida, a vida de sua família e para a história desta comunidade? Se existe, é transmitido? E se transmite, de que forma?
- 9 Como os jovens se comportam com relação ao trabalho da pesca? Há a compreensão do processo produtivo e seu valor para a sobrevivência da comunidade?

FAMÍLIA

- 10 Há quanto tempo se formou sua família e quantos filhos tem?
- 11 Como se deu a origem desta família: é de áreas ribeirinhas ou veio da cidade?

12 Como é a rotina diária dos pais? (desde o amanhecer ao anoitecer, falar como é geralmente).

13 Como é a rotina diária dos filhos? (falar desde as crianças pequenas até os jovens).

14 você considera a sua família estruturada? Como vê os conflitos gerados nas famílias por causa da bebida, da traição e outras situações? Conheces casos na comunidade?

15 Qual a importância sentimental e concreta que os seus filhos e sua esposa (ou marido) têm para o (a) senhor (a)?

16 como é a participação dos membros da sua família em festas e diversões, aonde acontece e quem as organiza?

17 O (a) senhor (a) ou as pessoas de sua casa costumam fazer algum tipo de lazer ou festa? (se sim, como acontece, se não, por que).

18 Como as crianças e os jovens geralmente se divertem? Eles têm lazer?

19 As festas da cidade atraem muitas pessoas desta comunidade? Ou se prefere ficar no interior?

20 Qual o sentimento que as festas do interior tem para sua vida? Poderia contar brevemente como (ou pessoas conhecidas) se “aprontam” para as festas?

ESCOLA

(só para os adultos e mais velhos)

21 Conte um pouco sobre como era a educação nos tempos em que não havia escola? (falar só sobre como foi o passado sem educação formal).

22 A “profissão” que os moradores desta comunidade tinham (ou aprendiam) no passado tinha alguma coisa a ver com o conhecimento profissional ou

técnico que a escola hoje dá? Ou o “profissional” era aquele que aprendia mais com as experiências da vida do que com as lições dadas nos bancos escolares?

23 A escola influencia na educação dos jovens e das crianças? Os pais incentivam seus filhos; e as crianças e jovens se sentem empolgados em ir para a escola? Há a participação da família? E da comunidade?

24 Como era a perspectiva daqueles que queriam estudar, mas não havia escola na comunidade? Eles procuravam outras escolas fora da comunidade? Conheces algum caso? Pode contar como vê essas situações?

25 No seu ponto de vista, qual deveria ser a finalidade da existência de duas escolas na sua comunidade? Como elas poderiam ser úteis à comunidade?

(só para os jovens e pré-adolescentes)

26 Para você, qual destes três espaços é responsável pelas lições mais importantes para a sua vida: a escola, a família ou a igreja? Ou os três tem pesos iguais?

27 Como você vê hoje a questão da escolha de uma profissão: ela está mais ligada às tarefas e ao saber tradicional e costumeiro ou está se distanciando e rompendo por causa do conhecimento formal e técnico ensinado nas escolas? Em outras palavras, é possível dizer que boa parte dos jovens ainda querem ser pescadores e tiradores de açaí como seus pais e avós ou já é possível ver uma parcela que pensa em ser engenheiro, professor, comerciante, médico, etc.? Você conhece?

28 Você se sente atraído por alguma das várias perspectivas abertas pela escola na sua comunidade? (como aprender a ler, a escrever, a ter contato com outras realidades etc.). Ou é indiferente? O que é importante para você em questão de conhecimento?

29 Qual o seu ponto de vista sobre como a escola. Ela poderia ser útil a comunidade? Ela tem importância diante da comunidade?

TELEVISÃO

30 Quais os tipos de programas mais vistos na sua casa?

31 Existem horários fixos para se assistir televisão ou a qualquer momento se pode assistir?

32 Antes do advento da eletricidade permanente e, conseqüentemente da televisão 24 horas, as crianças, os jovens, adultos e pais se comportavam de outra maneira? O que era feito ou quais eram os hábitos e costumes que levavam as pessoas a ficarem ocupadas durante o dia?

33 Pode-se dizer que a televisão acabou modificando o modo de vida dos moradores desta comunidade? Pode-se citar alguns destes novos costumes?

34 Você acha que o consumismo veiculado pelas propagandas de televisão está influenciando os moradores desta comunidade a assimilarem sonhos de consumo e valores modernos?

Apêndice B – DADOS BÁSICOS DOS ENTREVISTADOS

Informante 01

Nome: José Raimundo.

Idade: 49 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 2.

Tempo de moradia no local: 45 anos.

Ocupação: pescador.

Escolaridade: primário incompleto.

Informante 02

Nome: Adalton.

Idade: 44 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 03.

Tempo de moradia no local: 44 anos.

Ocupação: professor.

Escolaridade: nível superior.

Informante 03

Nome: Leila Fernandes

Idade: 28 anos.

Estado civil: casada.

Filhos: 01.

Tempo de moradia no local: 28 anos.

Ocupação: professora fora da comunidade.

Escolaridade: Magistério.

Informante 04

Nome: Pedro Pontes

Idade: 41 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 06

Ocupação: pescador.

Informante 05

Nome: Antônio Kleberson

Idade: 21 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 01

Ocupação: pescador.

Tempo de moradia: 04 anos.

Informante 06

Nome: Manoel Pinheiro

Idade: 45 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 06.

Tempo de moradia no local: 10 anos.

Ocupação: pescador.

Escolaridade: primário incompleto.

Informante 07

Nome: Raimundo dos Santos

Idade: 30 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 01.

Tempo de moradia: 30 anos.

Ocupação: pescador.

Informante 08

Nome: Maria das Graças

Idade: 54 anos.

Estado civil: casada.

Filhos: 08.

Tempo de moradia no local: 54 anos.

Ocupação: dona de casa e costureira.

Escolaridade: primário incompleto.

Informante 09:

Nome: dona Graça.

Idade: 46 anos.

Estado civil: casada.

Filhos: 05.

Tempo de moradia no local: 30 anos.

Ocupação: dona de casa.

Escolaridade: nível médio.

Informante 10:

Nome: Noadia.

Idade: 22 anos.

Estado civil: solteira.

Filhos: não tem.

Tempo de moradia no local: 22 anos.

Ocupação: professora na comunidade.

Escolaridade: superior incompleto

Informante 11

Nome: Raimunda Gomes

Idade: 52 anos.
Estado civil: casada.
Filhos: 02.
Tempo de moradia no local: 27 anos.
Ocupação: dona de casa.
Escolaridade: nível fundamental incompleto.

Informante 12

Nome: Maria Jucilene
Idade: 35 anos.
Estado civil: casado.
Filhos: 06.
Tempo de moradia no local: 25 anos.
Ocupação: Dona de casa.

Informante 13

Nome: Raimundo Tenório
Idade: 65 anos.
Estado civil: casado.
Filhos: 18.
Tempo de moradia no local: 50 anos.
Ocupação: pescador.
Escolaridade: primário incompleto.

Informante 14

Nome: Maria Catarina.
Idade: 42 anos.
Sexo: feminino.
Estado civil: casada.
Número de filhos: 03.
Tempo de moradia no local: 16 anos. (nasceu, mas saiu durante um tempo).

Escolaridade: superior incompleto.

Informante 15

Nome: José Rogério.

Idade: 32 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 04.

Tempo de moradia no local: 32 anos.

Ocupação: pescador.

Escolaridade: primário incompleto.

Informante 16

Nome: Maria Célia.

Idade: 42 anos.

Estado civil: casada.

Filhos: 04.

Tempo de moradia no local: 23 anos.

Ocupação: professora na comunidade.

Escolaridade: superior incompleto.

Informante 17

Nome: Keila Patrícia.

Idade: 30 anos.

Estado civil: solteira.

Filhos: 01.

Tempo de moradia no local: 30 anos.

Ocupação: professora fora da comunidade.

Escolaridade: nível superior.

Informante 18

Nome: Benedita Amaral.

Idade: 26 anos.
Estado civil: casada.
Filhos: 03.
Tempo de moradia no local: 06 anos.
Ocupação: pescadora e dona de casa.
Escolaridade: nível fundamental incompleto.

Informante 19

Nome: Jusserema Barbosa.
Idade: 27 anos.
Estado civil: casada.
Filhos: 03.
Tempo de moradia no local: 12 anos.
Ocupação: pescadora e dona de casa.
Escolaridade: nível médio.

Informante 20:

Nome: Odair José.
Idade: 28 anos.
Estado civil: casado.
Filhos: 02.
Tempo de moradia no local: 28 anos.
Ocupação: pescador.
Escolaridade: primário incompleto.

Informante 21

Nome: Tássia.
Idade: 18 anos.
Estado civil: solteira.
Filhos: não tem.
Tempo de moradia no local: 4 anos.

Ocupação: estudante.

Escolaridade: nível médio.

Informante 22

Nome: Eloisa.

Idade: 12 anos.

Estado civil: solteira.

Filhos: não tem.

Tempo de moradia no local: 12 anos.

Ocupação: estudante.

Escolaridade: nível fundamental.

Informante 23

Nome: André

Sexo: masculino.

Idade: 16 anos.

Estado civil: solteiro.

Filhos: não tem.

Tempo de moradia no local: 16 anos.

Ocupação: estudante.

Escolaridade: nível médio incompleto.

Informante 24

Nome: Tainara.

Idade: 12 anos.

Estado civil: solteira.

Filhos: não tem.

Tempo de moradia no local: 12 anos.

Ocupação: estudante.

Escolaridade: nível fundamental.

Informante 25

Nome: Rosimere.

Idade: 17 anos.

Estado civil: solteira.

Filhos: não tem.

Tempo de moradia no local: 17 anos.

Ocupação: estudante.

Escolaridade: nível médio incompleto.

Informante 26

Nome: Raimundo da Silva.

Idade: 33 anos.

Estado civil: casado.

Filhos: 03.

Ocupação: pescador.